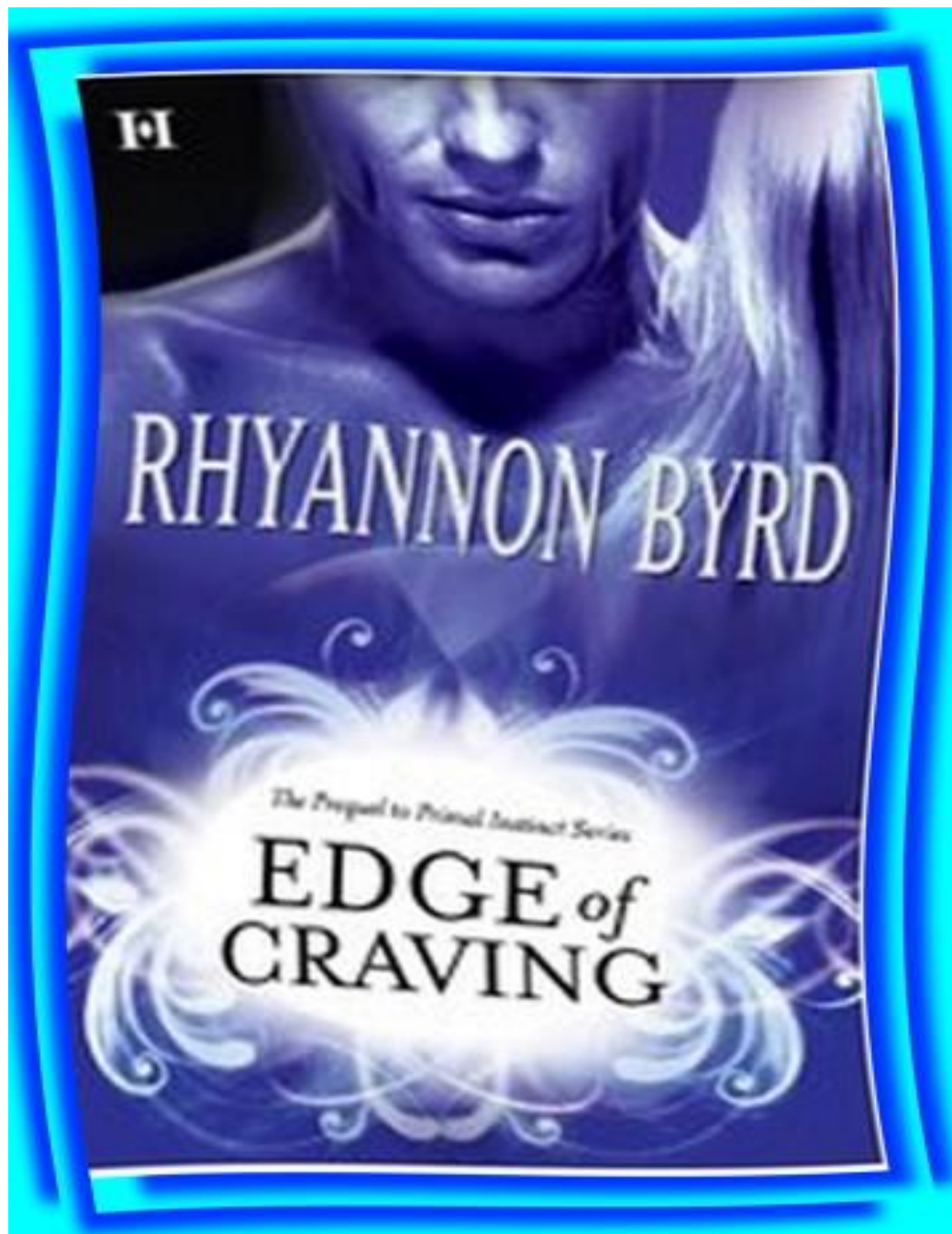


00 - À Beira da Raizão

Rhyannon Byrd



*Um prólogo para a Série
Instinto Primitivo*



Disponibilização do inglês: Safire
Tradução: Safire
Revisão inicial: Mariana
Revisão Final: Márcia de Oliveira/ Cris Skau
Formatação: Cris Skau
Logo/Arte: Bia Costa



- Instinto Primitivo - 00. À Beira da Paixão - Pégasus Lançamentos (distribuído)
- Instinto Primitivo - 01. À Beira da Súplica - Pégasus Lançamentos (formatação)
- Instinto Primitivo - 02. À Beira do Perigo - Pégasus Lançamentos (revisão inicial)
- Instinto Primitivo - 03. À Beira do Desejo - Pégasus Lançamentos (revisão inicial)
- Instinto Primitivo - 04. Toque de Sedução - PRT
- Instinto Primitivo - 05. Toque de Rendição - PRT
- Instinto Primitivo - 06. Toque de Tentação - PRT

SINOPSE

Desde o primeiro momento em que ele colocou os olhos em Alia Buchanan, o guerreiro Rhys sabia que tinha ficado obcecado por ela. Ela o consumia despertando seus desejos. Atormentando seus sonhos. Mas, como um dos poucos descendentes restantes de um Clã de dragão europeu, Rhys soube que nunca poderia ter um futuro com Alia, sendo o monstro que era... Não com um anjo como ela.

Até que seu pai foi assassinado e a vida dela fica em perigo mortal.

Agora os dois devem se unir para achar uma antiga Cruz que segura um poder desconhecido antes que seus inimigos o façam. E uma vez que eles estejam com ela em mãos, Rhys deve aprender o que fazer com a Cruz... e com a sua atração proibida pela mulher que jurou proteger.

EPÍLOGO

CAPÍTULO UM

Sul do País de Gales, no início de 1800

Como é possível um sorriso angelical pertencer a um monstro?

As palavras sussurradas passaram através da mente de Rhys enquanto ele assistia Alia Buchanan, filha do estudioso Merrick que tinha sido encarregado de proteger, fazer seu caminho através do pátio coberto de laje. Um crepúsculo lavanda estava caindo pesadamente sobre o morro onde a casa de campo dos Buchanan estava situada no meio da floresta circundante, coberta de hera, o ar perfumado de outono com uma mistura atraente de fumaça de lenha e uma tempestade distante com estrondo no horizonte. Esfumaçados tons de roxo e azul tocaram seus dedos nos ângulos do rosto delicado da jovem, demorando-se sobre o vale suave de seus seios... Os longos cachos de seus cabelos fluindo. Se quisesse manter a sua sanidade, Rhys sabia que precisava desviar o olhar. E ainda assim os seus olhos se recusaram a obedecer ao comando, concentrado à vista em sua expressão misteriosa enquanto seus olhares se encontravam e então identificaram que suave e deslumbrante sorriso se formava na curva sensual de sua boca.

Não importava o quão distante ele tentou ser, não importava o quão rude ou selvagem era enquanto fazia uma careta ao olhá-la, ela sempre o presenteava com esse maldito e irritante sorriso. E ela foi lentamente deixando-o desequilibrado, os segmentos de sua sanidade escorregavam por entre seus dedos como um espiral de fluxos de névoa. Não importava o quanto ele tenha lutado, não poderia pegá-los em suas mãos.

Desde o momento em que viu Alia se tornou obcecado por ela. Uma situação inusitada para um guerreiro que nunca ficou fascinado com nada nem ninguém, muito menos por uma menina caprichosa, que ele poderia facilmente quebrar sob seu poder e sua força. O sangue de seus antepassados Merrick, um dos originais clãs antigos não-humanos, esteve adormecido em seu sangue por gerações, deixando Alia e seu pai com os corpos tão vulneráveis como qualquer ser humano. Era uma loucura até mesmo pensar em tocá-la, muito mais fantasiar sobre ela a ponto de ser uma presença constante de dor dentro de sua mente.

Mas ele não podia parar. E só Deus sabia que tinha tentado.

Se tivesse sido simplesmente a sua aparência física que o tivesse encantado, poderia ter encontrado uma maneira de ver a razão e colocá-la fora de seus pensamentos. Afinal, ele sempre foi da opinião de que um rosto bonito poderia ser facilmente substituído por outro. Mas havia muito mais que a atração que continuava a puxá-lo para Alia, apesar de o quão duro ele tentou resistir. Ela era muito doce... Muito intoxicante. Ele só podia maravilhar-se com a forma que ela encarava o mundo, o via de uma maneira que ele tinha certeza de que ninguém mais o fazia. Vê-lo através dos seus olhos podia

perfurar e penetrar as mais endurecidas defesas selvagens. Era assim que ele se sentia agora, segurando seu olhar azul escuro, a sensação desconfortável que pulavam em suas veias, dando-lhe a impressão de que ela podia vê-lo de uma forma que ninguém jamais faria.

Ele poderia ter atribuído essa estranha sensação ao fato de que ela era descendente, pelo lado da mãe, de uma poderosa linha de bruxas Reavess, mas sabia que era mais do que isso. Havia algo em Alia que ressoou nele, permitindo que ela deslizasse sob sua guarda, chamando a sua atenção novamente e novamente. Consumindo seus momentos de vigília. Atormentando seus sonhos.

Apesar da frieza em sua alma, seus sorrisos sempre varriam as profundezas geladas do corpo de Rhys com intoxicante derretimento de ondas de calor, acendendo um desejo perigoso para as coisas que ele nunca poderia ter. Com nada mais do que a inclinação suave da sua boca, a sinceridade de seu lindo olhar, ela esquentou um lugar dentro dele que nunca havia sido mais do que uma folha estéril de gelo. Irônico, realmente, considerando que ele era uma coisa de fogo em si mesmo. Como um dos poucos remanescentes dos descendentes da Charteris, um dos originais e raros clãs de dragão da Europa, os órgãos de Rhys tinham o poder de se tornar uma fonte de calor letal. Um poder perigoso, mortal que só se intensificou com sua atração por esta mulher e que era capaz de derreter Alia Buchanan viva se ele estivesse dentro da exuberante e delicada profundidade do seu corpo feminino.

Ansiava-a. Desejava tudo sobre ela, de seu perfume a seu gosto e os pensamentos que enchiam a cabeça dela.

E era por isso que ele não poderia tê-la.

Ela era o fruto proibido que iria deixá-lo em apuros, e ele sabia disso. Sabia a partir do segundo em que colocou seus olhos em cima dela há cinco meses, quando foi enviado para supervisionar a proteção de seu pai. E ainda Rhys não conseguia tirar os olhos dela, a forma graciosa como ela atravessou o pátio, onde ele e mais quatro de seus homens tinham estado treinando.

Como, em nome de Deus, era possível parar de ver a coisa mais doce, mais bonita que ele já tinha visto? A face em formato de coração. As sardas de moleque. Cabelo castanho claro que não poderia decidir entre o mel dourado e o vermelho do Outono. Ela era linda e selvagem, como uma antiga deusa vinda à vida. Suas finas sobrancelhas cobriam os grandes olhos exóticos, de um azul escuro profundo que lhe lembrava o céu limpo da montanha. Uma boca rosa cheia que fazia deslizar a mente de um homem em imaginações explícitas de como seria afundar-se nos lábios brilhantes e procurar o calor úmido e quente de dentro.

Embora ele tivesse feito o seu melhor para entender sua paixão, não estava mais perto de compreender porque não podia tirá-la da sua mente, queria saber por que ela sempre lhe sorria docemente, mas todo o seu mundo tinha estado fora de ordem desde que assumiu a guarda de Matthew Buchanan. Ele tinha certeza de uma coisa, precisava acabar com sua obsessão com a filha do homem antes que se enviasse diretamente para a insanidade.

Como se para tentá-lo além da resistência, ela escolheu se mover em sua direção, fazendo seu caminho em torno da fonte do pátio, o gorgolejar da água muitas vezes acalmava Rhys nas horas de frio da noite, quando ficava de

pé nas sombras e assistia sua janela, à espera de um vislumbre de seu perfil enquanto se preparava para dormir. Seu caminho a trouxe para mais perto de onde ele estava com a sua espada ainda agarrada na mão, o cheiro dela foi levado a seu nariz pela brisa suave e ele apertou a mão livre em um punho duro com o perfume quente, sensual de jasmim esmagando seus sentidos. Seu sorriso derreteu em seu corpo, sob a sua pele, tornando-o desconfortável e quente. Fazendo algo no peito se apertar. Não fazia sentido ela perder essa expressão doce, carinhosa com alguém como ele. Demasiadas vezes, as mulheres se afastaram por medo ou desconforto, não que ele as culpasse. Ele era muito grande. Muito marcado, duro e escuro. Muito malditamente assustador.

E ainda, enquanto ela se movia para ele, o sorriso suave e doce parecia ser preenchido com um desejo profundo, desesperado que combinava com o seu próprio.

Você se engana, ele silenciosamente rosnou. Anjos não anseiam por monstros.

Esforçando-se em virar as costas para ela, ele girou ao redor, o vento frio no rosto, agora que seu sorriso não mais o aquecia. Fazendo seu melhor para não respirar o cheiro dela, Rhys olhou para o vale verdejante embaixo. Tudo parecia calmo, pacífico, mas mesmo assim tinha a estranha premonição de desgraça. Do mal chegando na brisa fresca e envolvente. Com uma profunda carranca de resolução entre as sobrancelhas, olhou para as colinas rolando em um interminável verde, buscando a ameaça desconhecida. Apesar do fato de que os meses que se passaram tinham sido tranquilos, Rhys sabia que as circunstâncias podiam mudar a qualquer momento. O trabalho de Buchanan era tão secreto que poucos membros do Consórcio, corpo de líderes que governavam o restante dos antigos clãs, sabiam de sua pesquisa, ou o fato de Rhys e seus homens estarem ali para proteger o pai e filha, mas isso que não significava que o perigo era menos real.

Antes de ele ter sido enviado para o topo da colina remota no País de Gales, Rhys foi informado em segredo que o estudioso Merrick estava trabalhando para descobrir a localização dos arquivos ocultos do antigo Consórcio, que havia sido perdido centenas de anos antes, quando os líderes haviam sido caçados e massacrados pelos mercenários humanos que se intitulavam Exército Coletivo. O Coletivo foi dedicado a destruir toda a vida sobrenatural, o que significava que também iriam procurar os arquivos perdidos que acreditavam guardar os segredos de cada clã antigo em existência. Com os arquivos, eles acreditavam que poderiam encontrar as terras do assentamento de cada clã restante e finalmente eliminá-los da terra de uma vez por todas.

Mas o Coletivo não eram os únicos que gostariam de colocar as mãos sobre os arquivos antes que o novo Consórcio pudesse fazê-lo. Embora a maior parte dos clãs restantes vivia em paz com os humanos, há ainda aqueles que habitavam nas sombras da escuridão. Aqueles que buscam informações nos arquivos para realizar seus próprios programas de trabalho escuros, quaisquer que pudessem ser eles. Rhys não se preocupava com os porquês. Como membro da guarda privada do Consórcio, ele protegia sem questionar aqueles que precisavam de proteção, razão pela qual ele estava lá. Um pouco

mais de cinco meses atrás, Matthew Buchanan, aparentemente, fez uma descoberta significativa depois de uma viagem que o levou para o sul de Somerset, então leste de Londres, antes de voltar outra vez ao País de Gales. Rhys não tinha sido informado sobre a natureza da descoberta, mas ele sabia que era a razão por trás da decisão do Consórcio para aumentar a proteção de Buchanan e atribuir uma unidade completa de protetores para a casa. E quando o verão passou tranquilamente Rhys não podia explicar, mas acreditava que algo estava para acontecer.

—Você vai continuar olhando para o vale, ou será que vamos realmente terminar este exercício?— falou uma voz profunda atrás dele. Voltando, encontrou Barrett apoiado com seu ombro esquerdo contra a parede de pedra que ladeavam os lados leste e oeste do pátio, um sorriso irônico derrubando o canto de sua boca. O auto-proclamado “mestiço” Barrett tinha diferentes linhagens de sangue não-humano e possuía pedaços de características de cada um. Tinha um excelente senso de olfato, assim como a visão noturna aguçada, tanto que o tornou um perseguidor extraordinário. Também era forte e rápido, o que fez dele um dos melhores parceiros de treinamento que Rhys já tivera. Demasiadas vezes, os homens sob seu comando não foram capazes de acompanhá-lo durante a prática, sua força e velocidade era muito grande para eles.

Treinar com Barrett agora seria sem dúvida um bom lançamento da tensão em seus músculos, mas não ajudaria com os pensamentos perigosos rastejando em sua mente. Deslizando sua espada na bainha que pendia do cinto de couro largo na cintura, Rhys encontrou o curioso olhar do amigo.

—Eu acredito que treinamos bastante pelo dia.

—Eu pensei que poderia ser o caso. — murmurou Barrett, seu olhar escuro deslocando para o sol poente, que derretia no horizonte, a expressão firme em seu rosto magro fazendo Rhys se perguntar sobre o que ele estava pensando. Ele teria perguntado o que estava incomodando Barrett, mas seus pensamentos estavam presos em tumulto e confusão. Ele estava muito agitado para ficar lá e conversar. Precisava fugir e passou por sua cabeça que ele deveria dirigir-se para a aldeia Wolcott e encontrar uma mulher, pelo menos para saciar sua luxúria e conseguir que sua mente parasasse de pensar em Alia, mesmo que apenas por alguns momentos.

Vá para a vila. Vai, porra, antes que seja tarde demais.

Ele fechou a cara, de repente voltando-se para dentro da floresta antes que pudesse mudar de idéia, pensando que a longa caminhada lhe faria bem, mas Barrett pegou em seu braço e o puxou de volta.

—Rumo à aldeia?— Seu amigo perguntou, liberando seu braço, o olhar nos olhos de Barrett dizia a Rhys que o homem já sabia exatamente onde estava indo. E por quê. —Eu ia sugerir o mesmo. Uma diversão será bom para você, Rhys. Você parece... tenso. Melhor trabalhar a agressão de uma maneira mais natural,— ele falou —do que atirá-la no resto de nós.

Rhys arqueou uma sobrancelha sorrindo.

—O que você está reclamando? Você ainda está inteiro.

Os dentes brancos de Barrett brilharam em um sorriso torto.

—Eu estou bem, até o momento. Mas os outros estão ficando cansados de seus danos. A verdade é que você está ficando mais agressivo a cada dia e os outros estão ficando cansados de seus ferimentos.

Sacudindo a cabeça para as provocações do soldado, Rhys disse:

—Apenas certifico-me que os homens permanecem treinados.

Então se virou. Passou uma mão pelos cabelos, o queixo tenso e mais uma vez forçou-se em direção à floresta, seguindo para a aldeia. Poderia deixar um gosto amargo na boca, mas ele precisava urgentemente de uma distração, como Barrett tinha sugerido. E, mesmo sabendo que sua viagem a Wolcott não aliviaria seu desejo escuro e insaciável pela inocente Alia, ele rezou para pelo menos, ser capaz de encontrar um breve momento de paz.

CAPÍTULO DOIS

Assim que Alia virou a esquina ela encostou-se à parede refrigerada da casa, uma mão pressionando a barriga a outra pressionada contra o peito. Tinha sido tão difícil manter a calma enquanto Rhys assistia ela fazer o seu caminho através do pátio, o calor daquele frio e pálido olhar era o bastante para fazer sua pele ficar úmida... Seu coração disparar. Fechando os olhos, ela lutou por respirar através da corrida louca das sensações ainda batendo em seu sistema.

Não podendo mais esperar, ela espiou para trás em torno do canto, necessitando apenas vê-lo apenas mais uma vez. Usava grossos cabelos pretos mais curtos do que os outros soldados, mas ainda o suficiente para que os fios ondulados derramassem selvagem ao vento, pedindo o toque de seus dedos. Seu corpo era esmagadoramente grande e poderoso, dizendo o conto de sua vida como um guerreiro. Pálidas cicatrizes prateada cobriam sua pele escura, marcando os seus braços e mãos, bem como o seu rosto bonito e forte. Ela já o havia visto treinando com seus homens sem camisa e seu coração havia rompido com a visão de suas costas maltratadas. Grossas cicatrizes emaranhadas que saltavam da pele.

Ele estava vestido de preto, da camisa até suas botas, do mesmo jeito de sempre. A cor da meia-noite devia parecer severa, mas de alguma forma parecia perfeitamente adequada para Rhys. Ele não precisava de qualquer cor ou adorno para torná-lo mais atraente. Já era muito atraente como era.

E depois havia os olhos. Pálido, os olhos cinzentos de inverno. Eles deviam parecer frios, estéreis, mas de alguma forma ardiam com o calor, como se iluminado de dentro por uma chama ardente. Uma faísca de fogo que transformava o cinza pálido a fundição de prata, lembrando-lhe uma noite estrelada.

Havia tanta solidão sombria e dolorosa em seus olhos, que às vezes doía só de olhar para eles. Ela não podia ajudar, mas queria mudar isso. Ela queria trazer a luz do sol e a felicidade para sua existência escura. Queria ouvi-lo rir e ser cercada pelos profundos e ricos sons assim que saíssem de seu peito. Ela queria ver a faísca ardente de alegria em sua alma, e saber que ele estava em paz. Que se sentisse amado... Querido. Ela o queria muito, mas não sabia como lhe dizer... Como mostrá-lo. Só Deus sabia que ela tinha a vontade, apenas... precisava encontrar o caminho.

Ela viu e ouviu, enquanto ele falou com o calmo Barrett. Ciúme torcia através de seu interior quando ela ouviu o soldado mencionar a vila. Ela podia ser uma inocente quanto à intimidade entre um homem e uma mulher, mas não era tola. Sabia exatamente para o que os homens iam até a aldeia e teria apostado tudo que ela possuía que Rhys não tinha problemas em atrair companhia feminina quando estava lá, se fosse comprado ou dado livremente. Não, atrair as mulheres nunca seria um problema para um homem como ele. Ele era puramente masculino e a criatura mais sedutora que Alia tinha visto, e estava completamente fascinada por ele.

—Não que ele tenha dado a você qualquer razão para ter esperança. — ela murmurou.

Com quase 24 anos, Alia sabia que estava aquém do que poderia ser considerado seu auge. Nunca tinha se incomodado até Rhys ter chegado para supervisionar a proteção do seu pai, mas agora o conhecimento queimava como uma dor física dentro de seu peito. Sabia que havia pouco que poderia fazer para aliviar essa dor. Apesar dos dons maravilhosos que herdou de sua mãe, ela havia tomado um voto de nunca abusar deles, o que significa que o soldado teria de vir para ela por sua própria vontade. Ela não iria obrigá-lo com poções ou feitiços não importando o quão tentador poderia ser atrair sua atenção. Algo diferente dos duros olhares irritados que ele sempre deu a ela, como se fosse um crime estar em qualquer lugar perto dele.

Com sua mágoa apertando o peito, ela o viu indo até que a Sra. Blackstone, sua governanta, chamou o seu nome da cozinha e em seguida finalmente se empurrou para longe da parede, entrando na casa. Alia atravessou as próximas horas perdida em devaneios, perguntando-se como poderia finalmente chegar ao guerreiro e fazê-lo conversar com ela. A Sra. Blackstone tinha ido para casa cuidar do seu marido doente, deixando Alia para servir o jantar, enquanto isso ela submetia seu cérebro a achar uma forma de chamar a atenção de Rhys, sem parecer uma idiota patética. Embora, verdade seja dita, ela já não estava preocupada com o seu orgulho. No que dizia respeito a isso o seu orgulho podia ser condenado, se isso significasse encontrar uma maneira de aproximar-se do soldado misterioso.

A refeição da noite passou como um borrão e depois seu pai voltou ao seu estúdio para continuar com sua pesquisa. Ela já tinha se isolado em seu quarto para a noite, sentada em seu assento da janela enquanto olhava para a lua cheia, perdida em seus pensamentos, quando a voz de seu pai invadiu sua mente.

"Alia você tem que me ouvir! Não importa o que faça, não tente chegar ao meu estúdio!"

Com um suspiro, sua coluna ficou rígida enquanto ela olhava silenciosamente através da janela, a urgência da comunicação mental de seu pai alertando-a da gravidade da situação. Embora esta não fosse a primeira vez que ele se comunicava de tal maneira, era evidente o tom de que algo estava terrivelmente errado.

"Fomos traídos por um dos guardas do Consórcio. O resto dos homens de Rhys estão mortos, seus corpos destruídos. Eu não tenho muito tempo e não há nada a ser feito por mim agora. Eles têm uma vidente com eles, uma anciã que abraçou as Artes das Trevas. Vou tentar impedi-la de descobrir meus segredos, mas eu não sei quanto tempo vou ser capaz de retê-los. Você deve se apressar! Vá para o lugar secreto, Alia. Pegue a cruz que está escondida ali."

Ele então mandou uma torrente de imagens, a estranha mistura de imagens mentais de alguma forma explicou mais do que ele teve tempo para transmitir com palavras. Elas passavam por sua mente com uma velocidade estonteante, uma após a outra, e depois desapareceram enquanto seu pai suavemente disse:

"Você deve ir, neste instante. Em seguida, localize Rhys assim que você tiver a cruz, Alia. Estou entregando-lhe sobre a sua proteção agora. Você pode confiar nele, minha filha. Ele vai cuidar de você. Sempre, eu prometo. E nunca se esqueça que eu te amo..."

Com um soluço nos lábios, ela considerou brevemente desobedecer a seu comando e correr para salvar seu pai, mas ela já podia sentir a sua ligação desaparecendo. Ele estava deixando-a, morrendo, e não havia nada que pudesse fazer para detê-lo. Engolindo sua mágoa egoísta, ela pegou a vela bruxuleante que estava em sua mesa e fez seu caminho para a passagem secreta construída na superfície de painéis de parede de seu quarto, fechando rapidamente atrás dela. A passagem estava fria quando correu contra a escuridão, à luz da vela sua única iluminação e o único som era o do seu choro. Não foi fácil, mas ela se forçou a sufocar as lágrimas, dolorosamente consciente de que elas não eram o que seu pai teria desejado. Sabia que as lágrimas eram para seu próprio sentimento de perda e ao fato de que ela ia sentir a falta dele desesperadamente.

Embora tivesse sido muito difícil para um ser humano compreender, a morte era vista de forma diferente por um Reavess e seu companheiro, sem a dor e o sofrimento que a maioria das espécies sentia no momento da passagem de sua vida "para uma outra", como diziam os Reavess. Sabendo que ia morrer, não só seu pai tinha sido capaz de separar o espírito do sofrimento do seu corpo mortal, como o espírito de sua mãe estaria esperando-o e os dois companheiros de alma finalmente se reencontrariam depois de anos separados. Então, enquanto era um acontecimento trágico para Alia, ela sabia que tinha sido uma alegria para seu pai, que estava agora com a mulher que amou, a outra metade da sua alma. Seu pai havia perdido sua mulher muito jovem e não havia dúvida de que a espera tinha sido dolorosa para ele. Como a alma gêmea de um outro Reavess, ele tinha o poder de deixar o seu corpo mortal a qualquer momento e se juntar à sua amada, como a maioria dos Reavess fazia, pois a dor de estar sem a sua outra metade era terrivelmente difícil de suportar. Mas ele permaneceu no mundo por causa de Alia, não querendo que ficasse sozinha.

Agora, enquanto ela sentia a sua ligação se desfazendo, sabia que era onde ele estava destinado a ir. Onde finalmente seria feliz.

No final da passagem ela chegou a uma escada que levava a uma pequena porta no chão da casa. Movendo-se tão rapidamente como podia, com apenas uma mão livre, fez seu caminho até a escada e passou pela abertura fechando o alçapão atrás dela, e, em seguida, apagou a vela e a deixou no chão, apenas a luz do luar iluminando o seu caminho entre as fileiras de flores. Tinha acabado de abrir a porta, saindo para o ar fresco da noite, quando de repente uma mão fechou sobre sua boca e um corpo rígido e potente pressionou suas costas. Ela entrou em pânico, sugando uma respiração profunda e imediatamente reconheceu em seu alçapão o cheiro morno e rico enquanto ele puxava-a para a borda da sombra da floresta.

—Não tenha medo. — murmurou, tomando sua mão. —Eu não vou te machucar.

—Rhys?— Ela suspirou, virando-se quando ele se apoderou de seus ombros. O luar prateado deixou os ângulos ásperos do rosto em evidência,

com destaque para a cicatriz grossa que passava através de sua têmpora esquerda. O aperto de mãos grandes era forte o suficiente para machucar, o tremor de seus músculos rígidos insinuando o quão difícil era para ele se controlar. Para não machucá-la? Por raiva? Ou porque ele queria perseguir os traidores e fazê-los pagar pelo que fizeram?

Antes que ela pudesse decidir sobre uma resposta, viu-se transportada contra seu corpo rígido.

—O que... — ela começou a ofegar, mas ele fez um profundo som como os dos animais predadores, cortando sua exclamação com o calor duro e devastador da sua boca. Seu coração quase estourou em seu peito, ele devastou-a com a varredura incisiva de sua língua, saboreando-a profundamente. Então, arrancou se afastando, sua respiração tão dura e violenta que ela podia sentir o calor contra seu rosto. Ele deu um passo para trás, e depois outro, como se precisasse colocar distância entre eles.

—O que foi isso? — Ela sussurrou, tocando as pontas dos dedos nos lábios, desejando que ele fizesse isso de novo... E de novo.

—Droga, eu não queria fazer isso. — Ele fez um som espesso em sua garganta que parecia partes iguais de fome e raiva, seu corpo rígido e apertado, como se estivesse lutando para manter-se no lugar. —Eu só... Eu achei que você poderia já estar morta quando cheguei aqui e descobri que não havia ninguém vigiando a casa e eu tinha que saber — ele rosnou, e todas as palavras guturais fizeram-na tremer com consciência.

—Saber o quê?

Seus dedos se flexionaram ao seu lado e então rapidamente apertou-os duramente, os nós brancos.

—Qual o seu sabor — murmurou seu olhar brilhante a perfurá-la, como se ele estivesse tentando ler sua mente, ver a sua alma.

Ela piscou desfeita, tanto por suas palavras como por aquele beijo devastador.

—E?

—E o quê?— Resmungou feroz, o faminto olhar caindo para sua boca, após a curva do lábio inferior, acompanhando como ela molhou-a com um golpe rápido de sua língua.

—Qu-qual o meu sabor?— Ela engoliu em seco, meio apavorada para saber a resposta já que ele parecia forçar-se a desviar o olhar dela, olhando para a sombra da floresta que os cercava.

Alia não achou que ele fosse responder, mas finalmente falou, sua voz grave e tão escura e deliciosa como o resto dele.

—Como uma mulher — murmurou com uma carranca profundamente enrugada, cortando-a a partir do canto do olho, sem dúvida pretendia mantê-la quieta.

—Hmm. — A esperança em seu estômago ficou amarga. —Eu suponho que você provou tantas de nós... e o quê? Prove outra agora? Uma é tão boa quanto qualquer outra?

—Que diabos você está falando?— olhou-a como se achasse que ela tivesse perdido a razão.

De certa forma, era como se tivesse. Como se a Alia que sempre fora tivesse sido deixada para trás no assento da janela em seu quarto, e agora

uma estranha estava em seu lugar. Aquela cujo amado pai tinha ido embora. Aquela cuja vida estava em perigo mortal. A que tinha acabado de experimentar seu primeiro beijo no escuro da lua, um gosto de dar água na boca. O gosto de Rhys ainda estava quente em sua boca, sedutor e rico, se deslocando através de suas veias como um vinho quente e potente.

—Nada — ela murmurou, percebendo que agora não era o momento de entrar em uma discussão. Mas era impossível não sentir a queimadura aguda de ciúmes quando imaginou quantas mulheres tinham sido agraciadas com esse escuro beijo de tirar o fôlego.

—Como você chegou até aqui?— De repente ele perguntou, fixando-a com seu olhar de aço. —Como você saiu da casa? Eu estava me preparando para procurar por você, quando a vi andando pela casa. — Seu tom áspero deixava claro que ele tinha estado aterrorizado por sua segurança.

—Eu escapei por uma passagem secreta que sai do meu quarto para a estufa.— No ligeiro alargamento dos seus olhos, ela disse — Embora meu pai não pudesse ser um guerreiro, ele sempre foi astuto. Mas o que você está fazendo aqui? Eu pensei que estivesse na aldeia.

—Eu voltei. — murmurou, sua voz de veludo soou áspera sobre a sua carne sensível como uma carícia enquanto mantinha seu olhar, o olhar ardente fazendo-a se perguntar se ele estava mentindo sobre o seu gosto. Talvez houvesse algo de especial nisso, algo que a distinguiu de todas as outras mulheres que tinha conhecido. Ela queria tanto acreditar nisso, mas respirou instável, plenamente consciente de que ela estava projetando seu próprio desejo desesperado para ele, e no momento mais inoportuno.

Ele rasgou o seu olhar do dela novamente para olhar a casa que estava em silêncio a distância, em seguida deu-lhe um olhar severo de advertência.

—Eu preciso que fique aqui enquanto vou verificar seu pai.

Ela balançou a cabeça quando disse calmamente:

—Não há necessidade. Ele me disse que foi traído por um de seus homens e que este homem matou os outros guardas.

—Quem foi?— Ele rosnou, olhando como se fosse explodir de raiva.

—Eu não sei — respondeu, odiando que tivesse de ser a única a dizer-lhe da traição e mortes. Os outros soldados eram seus amigos, homens de confiança que ele teria dado sua vida para salvar. —Sua identidade estava escondida e meu pai não pode dizer quem era. O traidor tinha outros com ele, mas já foram. Meu pai os fez pensar que eu tinha fugido para a aldeia. É onde eles se dirigiram para procurar por mim.

—O que eles queriam?— Exigiu com uma carranca feroz, uma raiva inconfundível continua ardendo em seus olhos ao saber que um de seus homens tinha virado um traidor. Alia sabia que ele iria querer encontrá-lo, mas não tinha tempo.

—A mesma coisa que estamos procurando. — Quando ele apertou os olhos, ela se apressou a explicar. —Antes que eu deixasse a casa, meu pai me cobrou com uma missão. Temos de achar uma antiga cruz em seu esconderijo na gruta, e, em seguida, recuperar as outros de seu tipo a partir de uma caverna em Somerset, o mais rapidamente possível. Seus agressores tentaram usar uma vidente para saber onde eles estão escondidos, mas ele acha que foi capaz de manter o local da caverna escondido. Não importa como

vamos fazer, mas ele disse que o traidor não deve colocar as mãos sobre a cruz.

Ela podia ver a surpresa em seus olhos, a prata cinza pálido queimando ao luar.

—Você falou com ele?

—Bem, não, não exatamente — explicou ela. —Eu estava em meu quarto e os traidores já o tinha prendido em seu estúdio.

—Alia, você não está fazendo nenhum sentido. — Suas palavras foram cortadas com uma ponta afiada de impaciência. —Se você não estava na sala com ele, então, como em nome de Deus ele lhe disse isso?

Ela testemunhou sua confusão, o canto de sua boca se contorceu com um movimento que não conseguia fazer o seu caminho em um sorriso.

—Porque ele falou dentro da minha mente.

Houve um estranho silêncio por um momento, como algo denso e pesado a revolver entre eles, e então ele disse calmamente:

—Você está me dizendo que seu pai pode ler seus pensamentos?

—Se ele escolhesse. Mas ele não iria invadir minha privacidade dessa forma.

Rhys a olhou um pouco verde, e ela franziu a testa.

—O que é foi?

—Ele pode fazer isso com mais alguém?— murmurou.

Ela olhou-o por um momento em confusão, e então começou a compreender.

—Você está preocupado que ele estaria irritado com as coisas que você tinha em sua mente, não é?

—Irritado? Não, Alia. Ele passaria sua espada em mim — murmurou com voz resignada.

Ela ergueu as sobrancelhas, um minúsculo ponto de esperança florescendo dentro de seu peito.

—Conte-me.

Ele olhou-a sombriamente e disse:

—Nem por todo o ouro do mundo. Eu não tenho desejo de ser castrado por um homem com fama de ser um estudioso sobre todas as coisas medievais.

Ela teria rido pelo tremor que passou por seus amplos ombros, teria tido a cabeça leve na mera sugestão de que os pensamentos de Rhys poderiam ter sido com ela, mas o pensamento doloroso do que ela tinha perdido naquela noite não permitiu nada disso.

—Bem, você não terá que se preocupar com isso agora. — As palavras estavam baixas, engrossado pelas lágrimas que ardia na garganta. —Ele já tinha ido antes que eu saísse da casa.

—Onde quer que o tenham levado,— prometeu em voz baixa —nós vamos pegá-lo de volta.

Ela podia ver a sua determinação em fazer exatamente isso esculpida nas linhas ferozes de sua expressão e sua boca tremia de dor.

—Ele não é prisioneiro, Rhys. Os métodos utilizados para tentar invadir sua mente eram muito fortes e ele foi obrigado a partir antes que eles conseguissem quebrá-lo.

Uma maldição saiu imediatamente dos seus lábios. A palavra chula a teria chocado se não tivesse ouvido uma e outra vez quando estava espionando os guardas durante a sua formação. Rhys estudou sua expressão através dos olhos sombrios, sem dúvida procurando a dor da alma ferida esperada de uma filha que tinha sido tão obviamente dedicada ao seu pai. Em voz baixa, disse:

—Eu esperava que você estivesse...

Suas palavras sumiram e ela balançou a cabeça novamente, olhando para longe.

—Devastada? Enlouquecida pela dor inconsolável?

—Sim — ele disse simplesmente.

Ela firmou o queixo, obrigando-se a encarar seu olhar.

—Há uma parte de mim que é egoísta o suficiente para ter meu coração partido porque ele se foi, mas eu me recuso a ser consumida por isso. Não quando eu sei o quanto ele está feliz por finalmente se reencontrar com minha mãe. Ele só ficou para trás por minha causa. Agora que ele me entregou aos seus cuidados se sentiu livre para ir onde ele quis estar desde o momento que a perdeu.

Uma nova tensão tomou conta de seu enorme corpo e, embora ele não a estivesse tocando, ela podia sentir explodir contra ela, quase a levando para trás com sua força.

—O que você quer dizer que ele entregou-lhe em meus cuidados?— Sua voz era suave, mas áspera. —Eu não entendo.

Ela conseguiu dar um sorriso cheio de lágrimas quando pegou o surto de pânico em seus olhos.

—As últimas palavras que ele me disse foi que você seria meu protetor agora.

—Até chegarmos a essas cruzes sangrentas. — rebateu ele, em voz áspera, e ela não pode deixar de notar a borda grossa de temor em suas palavras de cascalho.

Sua boca de alguma forma encontrou força para florescer em um sorriso trêmulo e irônico e Alia disse calmamente:

—Não, Rhys. Acredite ou não, ele sinceramente queria dizer para sempre.

CAPÍTULO TRÊS

Se ele passasse a noite sem explodir de luxúria sabia que seria um milagre. A verdade era patética, mas extremamente correta. Estava cheio de raiva pela perda de seus amigos. Com ódio para com aquele que o havia traído. E também estava a culpa pela sua incapacidade de proteger Matthew Buchanan, um homem que ele não tinha só respeitado, mas que realmente gostava. Um homem que tinha sempre tratado Rhys como igual intelectualmente, ao invés do soldado descuidado que muitos assumiram que ele fosse. Raiva, ódio, culpa... Cada uma das violentas emoções fervilhavam torcendo em seu interior, doloroso e forte e ainda não podiam eclipsar sua necessidade crescente por uma pequena mulher delicada.

“Faça o que fizer, você deve ser forte. Você não pode desistir. Não é possível permitir até mesmo um momento de fraqueza.” – pensou.

Parado na entrada da caverna que ele havia encontrado enterrada na encosta de um penhasco rochoso, Rhys silenciosamente murmurou as palavras de advertência para si uma e outra vez enquanto olhava para fora sobre a floresta infernal que se espalha por quilômetros abaixo deles. Houve silêncio completo durante a noite, nem mesmo um sussurro do vento nas árvores para quebrar o silêncio, como se a escuridão banhada pelo nevoeiro tivesse engolido todo o som. O vapor entrelaçava ao redor das árvores próximas, como serpentes deslizando, dando a sensação de que a noite em si era algo a ser temido. Como se escondesse incontáveis perigos e segredos mortais.

E ainda não era o perigo desconhecido na noite que o assustava. Não, sua maior ameaça já estava lá. Tão perto, seus sentidos aguçados podiam ouvir a suave rispidez de sua respiração... As batidas do seu coração sensual.

Atrás dele, Alia sentou ao lado do pequeno fogo que ele fez, sem dúvida tentando aquecer o corpo gelado. Ela merecia uma cama macia para a noite, mas eles estavam viajando pela rota mais direta para o misterioso Wookey Hole Caves, em Somerset, onde as cruzes estavam escondidas e não tinha havido nenhum outro lugar para pararem.

Levou poucos momentos para descobrirem a bela cruz que seu pai tinha escondido na gruta não muito longe da sua casa, e depois Rhys tinha recuperado o cavalo do estábulo e logo estavam a caminho. Infelizmente, a noite virou brutalmente fria para a sua viagem, esfriando Alia até os ossos. Embora ela não tivesse nenhuma vez se queixado ele ouviu seus dentes batendo durante as últimas horas, sua forma esbelta tremendo violentamente contra a frente de seu corpo, onde ele a tinha pousado em cima do seu garanhão.

Rhys ansiava envolver seus braços em volta dela, puxando-a mais contra ele, mas não tinha coragem. Sua força de vontade já havia sido desgastada apenas de estar perto dela, sentindo seu cheiro enchendo a sua cabeça... O predador nele cada vez mais perto da superfície. Ele queria levá-la longe da casa de Buchanan o mais rápido possível antes que eles parassem, mas estava com medo de empurrá-la demais, e assim eles finalmente se

abrigaram na caverna. E enquanto ela estava calma e serena, Rhys sabia que ele não iria encontrar nenhum descanso dentro da cavidade úmida.

“Ele sinceramente queria dizer para sempre”...

Suas palavras estranhas continuaram a trabalhar seu caminho através de sua mente, demasiado chocante para compreender plenamente. Seu pai deve ter enlouquecido. Essa foi a única explicação que Rhys poderia pensar da declaração estranha de Matthew Buchanan.

Como se sentindo seus pensamentos internos, a voz suave de Alia de repente chegou a seus ouvidos.

—Eu sinto muito que você tenha achado as palavras de meu pai tão perturbadoras. Eu, hum, eu certamente não pretendo mantê-lo preso a elas.

Ele se virou, apoiando o ombro contra a parede rochosa quando encontrou com seu olhar.

—Eu simplesmente não consigo descobrir o que diabos ele estava pensando. Você deve ter entendido mal.

Ela colocou os braços em torno de seus joelhos, olhando as chamas dançando no fogo.

—Honestamente, Rhys, eu estava só brincando quando eu disse a você. Não há nenhuma razão para continuar emburrado.

—Então ele não disse isso?— Ele exigiu, sentindo como se tivessem rasgado o chão sob seus pés. —Você mentiu para mim?

—Não, eu não menti. Isso é o que ele me falou — disse roucamente, mordendo o canto do lábio inferior. —Mas meu pai sempre foi um romântico incurável. Parece que ele tinha alguma idéia fantasiosa em sua cabeça que você secretamente cuidaria de mim e que iríamos ficar juntos. Eu só... Eu sei que é impossível. Eu não queria incomodá-lo e não tenho intenção de me tornar um incômodo, seguindo você. Obviamente, você está livre para fazer o que quiser.

Ele resmungou para isso e começou a passear de um lado da pequena caverna para o outro, a tensão enrolada em seu corpo, sem dúvida visível em cada linha dura muscular, irradiando um sopro quente e violento de agressão. Ela deveria ter estado aterrorizada com a idéia de ficar sozinha com ele, mas por algum motivo, ela parecia sentir-se perfeitamente segura lá na sua presença.

—Será que alguém vai enterrá-lo? — Perguntou delicadamente, a captura quebrada em sua voz recordando-lhe que ela estava sofrendo por dentro, não importa quão corajosa tentou aparentar para ele. Ele queria ir com ela e envolvê-la em seus braços, embalando-a contra o peito e oferecer o conforto que podia, mas sabia que era muito perigoso. Tinha sido ruim o suficiente ter o seu corpo tão perto enquanto eles tinham montado, quando sua mente estava focada em garantir que eles não estavam sendo seguidos. Agora que eles tinham acampado para a noite, sem distrações, era imperativo que ele mantivesse o máximo possível de distância entre eles.

E, no entanto, parecia querer aproximar... E mais perto.

Pigarreando, ele respondeu a sua pergunta, dizendo:

—Tenho certeza que a senhora Blackstone vai voltar para a casa amanhã. Quando ela descobrir o que aconteceu, ela vai fazer com que seu corpo seja cuidado. Mas você não deve voltar para lá, Alia. Nunca. Não se

pode dizer quem está atrás dessas cruzes, e não há maneira de saber quantas pessoas estão trabalhando nisso. Encontrá-las é só resolver o primeiro problema. Depois disso, nós temos que descobrir o que fazer com elas.

E então ele teria de descobrir o que fazer com ela.

Ela assentiu com a cabeça, seu corpo pequeno balançando para trás, como se estivesse tentando se aquecer... Ou buscar conforto no movimento rítmico. Só Deus sabia que ela tinha estado num inferno naquela noite só para estar presa lá com ele. Embora Rhys soubesse que deveria colocar de lado esse sentimento vil de desejo depois de tudo o que tinha acontecido, apenas olhar para ela em sua gentil raiva gelada, sentir seu perfume sedutor provocando o nariz, os seus sentidos o deixava louco. Era esse cheiro familiar, provocador de jasmim aquecido que ele associava a Alia, e ele se perguntava como ela sempre conseguiu cheiro tão delicioso. Era em seu sabonete? Ou será que ela esfregava o óleo da flor em sua carne nua, de modo que o aroma evocativo aumentava com o calor do seu corpo, com cada pulso forte do seu coração?

Desesperado para orientar sua mente para um território mais seguro empurrou alguns fios de cabelo para trás a partir de sua testa e disse:

—Diga-me sobre o trabalho de seu pai. — Ela explicou brevemente durante o passeio sobre as imagens que seu pai havia colocado em sua mente, a montagem de afinação que eles precisavam fazer, mas Rhys tinha várias perguntas que ele queria resposta.

Ela abraçou as pernas com mais força contra seu corpo, ainda balançando suavemente, uma respiração profunda tremendo de seus pulmões enquanto ela virou a cabeça para encontrar o seu olhar.

—Bem, você já sabe sobre seus estudos, a busca para os arquivos perdidos. De alguma forma, eles o levaram para as cavernas antigas de Wookey Hole. Sem saber ao certo o que as cruzes foram ou porque tinham sido escondidas lá, ele levou apenas uma, com a intenção de estudá-la. Ele estava esperando que pudesse levar os arquivos, mas isso não aconteceu.

—Ele tem alguma idéia de por que alguém iria querê-las? — Perguntou. —As teorias sobre a sua finalidade?

Ela balançou a cabeça lentamente.

—Meu pai tinha suas suspeitas.

Ele arqueou as sobrancelhas, esperando ela continuar. Ela pareceu precisar ter um momento para reunir seus pensamentos, então disse:

—Você já ouviu falar das marcas negras?

—As armas destinadas a destruir o Casus? — Perguntou ele com uma nota de surpresa, recordando as histórias que ouviu pela primeira quando criança. O Casus era um clã de sádicos mutantes que tinham ido para a guerra contra os Merrick centenas de anos atrás, o conflito durou até o Consórcio ter finalmente prendido Casus em um terreno desconhecido de exploração, onde os monstros imortais sem dúvida iriam apodrecer. A matança indiscriminada de vítimas humanas do Casus trouxe a ascensão do Exército Coletivo, que havia destruído o primeiro Consórcio. Dizia-se que antes da sua destruição o Consórcio tinha conseguido criar armas, as Marcas Negras, que iriam realmente destruir uma alma Casus, e a sua intenção era voltar ao esconderijo escondido e executar a raça vil, uma vez por todas. Mas

quando os membros do consórcio tinham sido mortos, o arquivo tinha sido perdido, juntamente com todo o registro das Marcas, bem como a localização do terreno da própria exploração. Durante séculos, aqueles que sabiam dos planos do Consórcio especularam sobre se as marcas já tinham sido realmente criadas, ou se eram apenas nada mais do que folclore.

Ela assentiu com a cabeça mais uma vez em resposta à sua pergunta, enquanto a fogueira bruxuleante trouxe tons avermelhados do cabelo comprido brilhando sobre os ombros graciosos, abaixo da linha graciosa de suas costas.

—Houve especulações intermináveis sobre o que as Marcas Negras pareciam, mas meu pai acreditava que as cruces que tinha encontrado podiam ser realmente elas. Se ele estava certo, quem você acha que gostaria das armas suficientes para matar por elas?

Sua fúria aumentou com o pensamento de um de seus amigos virando traidor, mas ele a derrubou. Era melhor pensar nisso mais tarde, quando Alia não estivesse lá para ser prejudicada se ele perdesse o controle. Tentando obter um controle sobre a sua raiva ele disse:

—Eu não tenho certeza, mas creio que poderia ser o Coletivo. Eu sei que estiveram tão desesperados para alcançar os arquivos quanto o Consórcio tinha estado. Mas eu não tenho certeza do que o Coletivo iria querer com as Marcas. Quer dizer, a menos que soubessem como utilizá-las para entrar no terreno de exploração e matar o Casus. Mas você acha que eles virão atrás de nós, como membros do clã, antes de se preocupar com os que estão trancados.

—Meu pai achava que havia outra finalidade — disse ela. —Uma que o Consórcio original provavelmente tinha escrito sobre os arquivos. Uma que seria uma perigosa ameaça se acabasse nas mãos erradas. Pode ser que alguém lá fora, saiba disso. Alguém que quer ajudar o Casus de alguma forma.

Ele jurou em voz baixa com o pensamento, então olhou para a cruz bonita que descansava contra o peito dela, a luz do fogo brilhante contra a sua superfície metálica.

—Posso ver? — Perguntou ele.

Ela pegou a cruz de onde ela estava pendurada no pescoço em uma corda de veludo e ofereceu enquanto ele se aproximava, dizendo:

—É muito bonita. E quente. Eu juro que você pode sentir o seu poder vibrando abaixo de sua superfície.

Tomando de sua mão, Rhys agachou ao lado do fogo crepitante e estudou o objeto estranho, perguntando se poderia realmente ser uma das marcas lendárias. Tinha a forma de uma cruz de Malta, com quatro grossos braços iguais, a superfície coberta de minúsculos símbolos intrincados que ele não reconhecia. Formado a partir de um preto metal brilhante, que deveria ter sido frio ao toque, mas era realmente quente como ela disse, ardeu contra a sua pele, bem como mais pesado do que ele esperava. Rhys fez o seu melhor para manter sua atenção focada em seu estudo sobre a cruz, buscando em sua mente onde ele poderia ter visto os símbolos antes, mas a presença de Alia era muito perturbadora. Seu perfume era mais forte agora, sua pele aquecida pelo fogo, o que tornou difícil para ele pensar além do quanto ele queria tocá-la... Senti-la. Ele sabia o perigo que cortejava em permitir que seus

pensamentos fossem a um território traiçoeiro como esse, mas não podia parar.

—Quem quer que eles sejam devem ser poderosos. Poderoso o suficiente para encontrar o meu pai e virar um de seus homens. — Puxou uma respiração com leve tremor, então lentamente a soltou. — Isso significa que eles são poderosos o suficiente para nos matar também.

A mudança no tópico o abalou e ele quase deu uma risada profunda e gutural, apenas conseguindo sufocar o som pouco característico no último momento. Aqui estava ele se perguntando como ela conseguia cheirar tão bem e ela se sentou ao lado dele, preocupando-se sobre se ia viver ou morrer.

A luxúria, ao que parecia, finalmente fundiu seu cérebro.

—Ninguém vai chegar perto de você, Alia. Não se eu puder evitar. — disse ele em voz baixa, entregando a cruz de volta para ela, tomando cuidado para evitar o toque de seus dedos.

—Mas eles vão tentar nos matar, não vão?— Ela perguntou, fixando a cruz ao seu lado no cobertor, antes de olhar para ele.

Um som afiado e amargo raspou sua garganta.

—Matar não seria a primeira coisa que fariam com você — ele disse calmamente.

Por um momento ela pareceu incerta sobre o significado de sua frase mas em seguida deu um aceno de compreensão lenta.

—Você está certo. Eles vão querer que eu diga-lhes tudo o que meu pai poderia ter compartilhado comigo. Eles querem saber o que eu sei.

—Entre outras coisas — ele murmurou sob sua respiração.

A cabeça dela se inclinou para o lado, seu olhar interrogativo como se não entendesse e ele ouviu-se dizendo:

—Meus homens nunca puderam tirar os olhos de você, incluindo Barrett. Você enfeitiçou todos os homens que a viram.

Ela fez um som tímido de vergonha e revirou os olhos.

—Isso é ridículo.

—Não é. — ele disse em uma voz baixa, mas duvidou que ela o tivesse ouvido.

Era um momento para dizer algo. Em vez disso, ela simplesmente assistiu-o, seus olhos escuros estudando-o através de seus longos cílios, como se ela estivesse tentando ver debaixo de sua pele. Dentro de sua cabeça. Sob seus escudos. Ela o fazia se sentir... estranho. Ele teria pensado que era a estranha sensação de nervosismo, mas ele nunca tinha ficado nervoso com nada em sua vida. Para ficar nervoso, você tinha que se importar. E ele nunca se importou muito sobre qualquer coisa, qualquer um, exceto com os amigos... E a segurança das pessoas sob sua proteção.

E esta fascinante bruxa.

Finalmente seu olhar se afastou, centrando-se na parede da caverna quando ela disse:

—Bem, eu nunca teria notado a sua atenção. Eu sempre estava... — ela olhou para baixo, deu um nervoso riso suave e continuou — eu estava sempre ocupada demais olhando você.

—Alia — Seu nome caiu de sua boca com uma raspagem difícil de sair o som.

—Sim?— A palavra não foi nada mais que um sussurro, seus olhos ainda não encontrando com o dele, seus dedos pálidos feridos juntos em um nó, apertados tensos.

—Não — advertiu ele, sua voz tão grossa e áspera, que mal soou humano.

Ela tomou outro suspiro profundo, depois lentamente levantou o rosto, seu tímido olhar luminoso achando o dele, olhando fixamente para ele. O olhar era tão macio e brilhante que ele quase desistiu.

—Não o quê?

—Brinque comigo — disse ele com um pedaço duro de advertência. — Você vai encontrar-se... Pode ser... Só não o faz.

—Eu não estava brincando — ela sussurrou. —Eu só estava tentando ser honesta, Rhys. Houve tanto silêncio entre nós, eu pensei que poderia ser bom falar a verdade, pelo menos uma vez.

Ele revirou os ombros, seu corpo mais quente por causa do olhar em seus olhos azuis profundos do que pelo calor do fogo.

—Você está errada — afirmou categoricamente.

—Você prefere que eu minta? — Perguntou ela, erguendo as sobrancelhas.

Fechou os olhos, silenciosamente pedindo paciência, perguntando por que ela decidiu torturá-lo desta forma. Ela estava em estado de choque? Ou simplesmente entediada? Necessitava uma distração? Seja qual for o motivo, ele estava indo para destruí-lo.

—Não — ele finalmente forçou a sair seu tom sombrio. —Eu não quero que você minta. Basta manter as suas... palavras para si mesma. O silêncio entre nós é uma coisa boa. Confie em mim.

—Bem, eu me recuso a ficar aqui em silêncio, sem nada mais que meus pensamentos como companhia — disse ela firmemente, claramente frustrada com ele. —Então parece que você vai ter que falar comigo, afinal de contas.

Erguendo suas pestanas, ele mandou a ela um olhar cauteloso.

—Sobre o que exatamente você deseja falar?

—Bem, você poderia me dizer sobre sua vida.

—Sobre o que?— Perguntou com cautela. —Você já sabe que eu sou um soldado. Não há muito mais do que isso.

—É claro que existe — disse ela com a raia natural da persistência que a definia tão longe das outras mulheres jovens que tinha conhecido. A maioria das meninas na idade de Alia foram criadas para serem recatadas, criaturas de fala mansa que ficavam nervosas em torno dos homens. Enquanto ela era sem dúvida delicada, também tinha sido criada por um pai que tinha verdadeiramente acreditado na igualdade entre os sexos. Como resultado, a jovem Reavess não era apenas uma bruxa poderosa, mas também bem-educada e tinha sido encorajada a falar o que pensava desde uma idade precoce.

—Por exemplo, — ela continuou a dizer, mantendo o seu olhar. —como é a sua casa? Há quanto tempo tem sido um soldado? Quantos anos você tem? Quem são os seus pais? Você os vê com frequência?

Um áspero riso sem humor retumbou acima de seu peito e ele quase sorriu, pensando que ela encontrou uma maneira de esfriar momentaneamente

seu ardor, sem sequer tentar. Se alguma vez houve um tópico para torná-lo frio, era o casal que o tinha procriado.

—Meu lar é onde o Consórcio me envia. Eu sou um soldado desde que tinha quinze anos... agora estou com 28. E eu não tive nada a ver com os meus pais por anos.

—Sério? Por que não?

Ele poderia ter simplesmente dito-lhe que não era assunto dela, mas por algum motivo ele não conseguiu botar as palavras para fora. Em vez disso, ele disse:

—Porque é assim que eles preferem.

—Eu poderia fazer a coisa de ser dama e não bisbilhotar, mas meus pais sempre disseram que eu era muito curiosa para o meu próprio bem. E caso você não notou, eu não sou uma dama — acrescentou com ironia, o calor do seu olhar pressionando sobre ele, fazendo com que sua pele queimasse debaixo de sua roupa... Fazendo seu sangue espesso. —Então eu vou ser rude e bisbilhotar. Na verdade, eu vou exigir uma explicação.

Rhys olhava atentamente a partir do canto dos olhos, simplesmente não sabia o que fazer com ela. Qualquer outra mulher jovem na sua posição teria estado encolhida contra a parede com medo, mas não Alia. Em vez disso, sentou-se no chão duro da caverna com apenas um cobertor fino de sua sela para amaciar o chão, com seu delicado queixo apoiado sobre os joelhos dobrados, olhando para ele com olhos brilhantes, enquanto um pequeno sorriso parecia estar escondido no canto da boca, provocando-lhe com a sua presença.

Sentindo-se como se tivesse entrado num estado de sonho, Rhys de repente se ouviu dizendo a história de como sua mãe, que odiava os clãs dragão, tinha sido forçada a casar com seu pai, o herdeiro de uma das famílias mais poderosas existentes de Charteris. Seu pai tinha sido um nobre de uma das linhagens dormentes antigas que quisera incutir um pouco de sangue fresco e poderoso dentro de sua família, não dando a sua filha escolha em seu futuro.

A partir do momento em que havia dito seus votos, os seus pais estiveram em guerra. Sua mãe tinha dito muitas vezes que uma cama de um Charteris era algo que só uma prostituta poderia apreciar, alegando que eles eram os mais selvagens, as criaturas mais primitivas que ela tinha encontrado. Ela o aceitou até ficar grávida, produzindo para o seu pai o seu herdeiro, e, em seguida, ela o proibiu em sua cama.

Quando ficou claro que Rhys não poderia assumir plenamente a forma de uma amada besta Charteris, seu pai tinha por fim deixado de querer alguma coisa deles. Rhys tinha sido surpreendido com o fato do seu pai simplesmente não haver matado os dois. Tinha estado em seu direito fazê-lo, mesmo em sua natureza. E de certa forma, poderia ter sido melhor. Ser deixado para trás com sua mãe tinha sido uma espécie de morte em si, pois ela tinha feito seu melhor para o filho pagar a cada dia os pecados do homem que ela alegou ter arruinado a sua vida.

—Por que seu pai concordou em casar com ela?— Alia perguntou, quando ele terminou de dar-lhe o esqueleto da história.

—Eu não sei — admitiu em um tom quieto, mexendo seu ombro. —Eu tenho certeza que ele tinha suas razões, mas eu nunca soube quais. É um milagre que não a tenha matado em seu leito conjugal, mas ele sempre foi conhecido por ter controle surpreendente sobre sua besta.

—Como ele poderia tê-la matado?— Ela perguntou formando um vê entre as sobrelanceiras delgadas com o pensamento.

Rhys encaixou sua mandíbula, querendo saber por que ele não poderia simplesmente manter a boca fechada em torno dela.

—Eles lutaram muito. — ele murmurou, chegando até a pilha de pequenos ramos que havia coletado e jogou outro para o fogo, seu tom avisou-lhe que era toda a explicação que ele daria.

—É de onde vieram as cicatrizes?— Ela perguntou, seu tom estranhamente delicado. —As que eu vi em suas costas.

—Meu pai — respondeu ele, trabalhando para manter a voz ao invés de rosnar as palavras. —Desde que ele não poderia me fazer mudar de bom grado, ele achou que poderia tirar a besta para fora de mim. Mas eu era muito teimoso.

—O que você quer dizer?

Ele olhou para as chamas quando explicou.

—Eu acho que poderia provavelmente ter completado o turno, ou ter ficado bem próximo a ele, quando fiquei mais velho, mas me recusei a permitir que isso acontecesse, enterrando parte de mim lá no fundo, onde não poderia alcançá-lo. Eu... eu não queria ser como ele e assim eu usei tudo que tinha para lutar contra isso.

Ela não podia sequer começar a esconder seu horror quando respondeu baixinho:

—Isso deve ter sido extremamente difícil.

Rhys sacudiu a cabeça.

—Eu fiz isso por tanto tempo que agora nem sequer sei se poderia chamar essa parte se eu precisasse.

—Mas deve ser difícil — ela murmurou — lutar sempre contra uma parte de si mesmo.

Ele deu de ombros, dizendo:

—É como uma segunda natureza agora.

As palavras eram verdadeiras e ainda Rhys sabia que suas ações não foram sem consequências. Quanto mais tempo lutou, maior tornou-se o frio, até que se sentiu como se um invólucro de gelo duro e espesso estivesse em torno de seu coração. Um que tinha estado lentamente espremendo o órgão até a morte, até a primeira vez que ele sentiu o calor do sorriso deslumbrante de Alia... E o gelo começou a rachar.

—E sua mãe nunca fez nada para detê-lo?

Isso não poderia ajudar, mas riu.

—Não — disse ele em torno das bordas escuras do som. —Ela não o deteve.

—Sinto muito que eles fossem tão horríveis — disse ela após um momento, uma nota inconfundível de sinceridade em sua voz rouca. —Parece tão injusto que eu tenha tido dois pais maravilhosos e você não tenha sequer um.

Rhys sentiu-se esquentar ao redor das orelhas, percebendo quão patético sua educação deve ter soado a alguém como Alia, cujo pai tinha claramente adorado.

—Não sinta pena de mim. Eu não precisava deles para cuidar de mim, então nenhum dano foi feito.

Ela deu-lhe um olhar que o fez se encolher interiormente, como se tivesse visto sob as suas palavras mais ou menos faladas, a verdade embaraçosa. O que ele se recusou a admitir até para si mesmo. Finalmente, ela olhou para longe, para a cintilação das chamas douradas do fogo. Ela ficou em silêncio por um momento, pensando só Deus sabia o quê. O olhar em seus grandes olhos azuis foi infinitamente distante, tornando impossível para ele adivinhar seus pensamentos. Assim quando ele estava se preparando para a demanda de saber o que ela estava pensando, ela disse:

—Eu sempre senti um conflito interno dentro de você, Rhys, e agora eu entendo o que é. Você luta com o que você é por causa de seu pai. Você precisa parar de resistir e aprender a abraçar a sua verdadeira natureza, senão nunca vai encontrar a paz e a felicidade que você merece.

—E como você saberia o que eu preciso? — Ele colocou um tom cínico em suas palavras esperando que a mantivesse quieta, antes dele acabar se fazendo um tolo completo de si mesmo. —Você é pouco mais que uma criança.

O queixo levantado em uma expressão de teimosia o teria feito sorrir, se não fosse pelo fato de que ele estava usando toda a força que não tinha para não tocá-la. Não levá-la debaixo de suas mãos, debaixo de seu corpo e introduzir-se tão profundamente dentro dela que ficaria marcada para sempre em sua memória a sua posse.

Só que seria muito curto o tempo de sua memória, considerando que ele acabaria com sua vida.

Ele fechou a mandíbula e ficou surpreso que seus dentes não se quebrassem quando viu a cor florescer em suas bochechas à medida que ela disse:

—Eu tenho quase vinte anos, Rhys. Dificilmente uma criança.

Ele deu um suspiro cansado.

—Você ainda é muito jovem, Alia. E muito inocente para estar aqui assim comigo. Eu não sei o que diabos estava pensando seu pai.

—Ora — ela murmurou baixinho, obviamente irritada com ele. Começou a levantar-se, pensando que ela ia ficar abençoadamente silenciosa agora, mas então ela disse: — Uma última pergunta e então eu vou deixar você em paz.

Ele se levantou ficando em pé diante do fogo, olhando para ela perguntando o que ele teria que fazer para ficar sozinho antes que fizesse algo que poderia se lamentar.

—Qual é o seu sobrenome? — Perguntou ela, com a cabeça inclinada para trás para que pudesse ver seus olhos.

—Eu não tenho um — disse aliviado que isso, pelo menos, tinha sido simples.

Novamente surgiu aquela marca situada entre as sobrancelhas de Alia.

—Como você pode não ter um sobrenome?

—Facilmente — respondeu secamente. —O nome de família do meu pai foi MacInnes, mas ele recusou-se a partilhá-lo comigo até que fosse determinado se eu poderia mudar completamente, o que eu nunca fiz. Então eu fui Rhys minha vida inteira.

—Você sabe, eu odeio falar mal das pessoas que eu nunca conheci — ela murmurou, a boca pressionada em uma linha fina. — Mas eu tenho certeza que eu não gosto de seus pais, Rhys. Soam como bastardos completos.

Um baixo e grosseiro ruído de gargalhadas vibrou acima de seu peito e ele desviou o olhar para fora na noite de nevoeiro pela boca da caverna. Sem olhar para ela, ele finalmente disse.

—Você deveria dormir um pouco, Alia. Amanhã vai ser um longo dia, se vamos chegar a Wookey Hole ao anoitecer.

—Você vai descansar também? — ela perguntou e ele olhou para baixo a tempo de ver o ligeiro arrepio que fazia tremer os ombros delgados sob o azul escuro do vestido. E, de repente, de uma pulsação para a seguinte, ele teve uma visão perigosa da sua ruína, mãos grandes nos botões minúsculos que fechava o corpete do vestido... Dele arrancando essa tela azul para revelar a beleza pálida abaixo. Ele poderia ver-se pressionando sua boca aberta contra o batimento rápido do seu coração. Podia ver-se virar a cabeça e com fome ter seu seio perfeito e delicado em sua boca... Tocá-lo com a língua, enquanto sua mão empurrava de maneira firme entre as coxas dela.

Seu corpo ficou duro com a imagem doce e erótica, seu pênis crescendo abaixo dos botões das calças. Amaldiçoando ele arrancou o olhar de seu corpo, trabalhando para manter a sua respiração calma e agradecido por sua camisa pendurada para baixo para cobrir a sua ereção. Depois de um momento, ele foi capaz de dizer:

—Eu dormirei eventualmente.— Tomando cuidado para não olhar na direção dela, ele abaixou-se novamente para lançar rapidamente outro pedaço de madeira sobre o fogo, temendo que ela se esfriasse. —Mas eu quero manter um olho nas coisas por um tempo mais longo.

CAPÍTULO QUATRO

Enquanto o pequeno ramo chiava dentro das chamas, Rhys começou a se levantar e Alia percebeu que o estava deixando ir embora, sem sequer tentar mantê-lo perto. Sem sequer fazer um esforço para mantê-lo próximo. Sufocando o medo frio da rejeição que tinha fechado sua garganta de repente ela se colocou de joelhos, agarrou seu pescoço forte e o puxou para a ela. Queria provar sua boca deliciosa mais uma vez, perdendo-se em seu calor.

Ele fez um som de surpresa, suas mãos em torno da curva de seus braços, o pescoço endurecido quente sob as palmas das mãos frias. Não me empurre pra longe, ela pensou desesperadamente, pressionando sua boca mais forte nele, esperando segurá-lo com seu beijo. O corpo dele tinha ficado rígido com o choque, o pulso vibrando violentamente sob suas mãos, mas ele não a mandou embora. Orando para que pudesse seduzi-lo, Alia tocou sua língua nos lábios quentes, seu coração batendo como um pássaro assustado animado dentro de seu peito. Deu um grunhido baixo, que foi brutalmente quente contra a sua boca, e então ele explodiu em movimento, assumindo o controle do beijo... Dela. De repente, estava deitada contra o cobertor fino, o corpo duro e musculoso de Rhys segurando-a embaixo, quando ele firmou a sua boca com uma habilidade escura e devastadora que a fez querer gritar com a necessidade. Fez querer buscar alívio para a dor, para o calor forte que se instalara em seu interior, pulsando através de seu corpo. Ela precisava de seu peso contra ela. Necessitava o seu toque... Sua posse.

—Oh, Deus, Rhys — ela engasgou quando ele quebrou o beijo, as pernas dobradas prendendo sua cintura enquanto as mãos se mudaram para o corpete de seu vestido. Ela agarrou um punhado de seus cabelos grossos, macios como a seda enquanto ele distribuía uma sequência de beijos úmidos descendo pela curva de seu pescoço, os dedos trabalhando para desfazer a linha de botões minúsculos. Só quando ela tinha certeza que estava no fim de sua paciência e iria rasgar o vestido, ele empurrou tanto o corpete e a chemise amassada para baixo dos seios, descobrindo-lhes para seu olhar.

—Cristo, Alia.— Sua voz era áspera, dura, o olhar chamuscando quando ele olhou para seus seios. Ele arrastou lentamente o seu olhar para cima, sobre a linha delicada de sua clavícula, até os olhos de pálpebras pesadas, e depois de volta para baixo novamente, até que estava olhando avidamente no seio direito, esfregando seu polegar calejado sobre a curva exterior pálida de novo e novamente. Sua respiração ficou mais difícil... Mais alta, como se estivesse lutando com cada respiração, puxando o ar. —Você é tão suave — ele murmurou tão baixo que ela mal conseguia ouvir as palavras.

Uma expressão de espanto, de fome pura e primordial necessidade escureciam seu rosto bonito, e então ele abaixou a cabeça até que ela pode sentir o calor latente de sua respiração contra sua pele fria. Ele esfregou as curvas delicadas com o nariz... E então lambeu, enquanto um rosnado profundo, estrondoso vibrou contra sua carne sensível. O curso suave e aveludado de sua língua mudou ao longo do interior do seio e, em seguida, ele fez novamente, trabalhando lentamente a seu modo em torno da ponta

inchada e endurecida do mamilo, dolorido com a necessidade de sentir esse calor quente e delicioso que o rodeava... Puxando-o. Ela arqueou embaixo dele, sentindo-se queimado.

—Rhys — ela gritou sem fôlego, colocando as mãos na nuca, sentindo a força do amor debaixo de sua pele quente e sedosa. —Você é tão bonito... tão quente.

Ele enrijeceu, como se suas palavras tivessem de alguma forma assustado-o, e logo começou a se afastar.

—Não — ela gemeu, recusando-se a liberar o seu domínio sobre ele, cavando os dedos nos ombros largos e musculosos. —Por favor, Rhys. Não se afaste de mim.

Ele fechou os olhos, o rosto apertado em uma expressão brutal de pressão.

—Isso é errado, Alia.

—Não pode ser — argumentou, sua voz tão rouca que ela nem sequer reconheceu-a como sua. Ela sabia que havia coisas que tinha para lhe dizer, a confissão que teria de ser feita, mas ela tinha que encontrar uma maneira de chegar até ele em primeiro lugar. Tinha que quebrar o seu caminho através das camadas de armadura emocional que ele se encerrou se havia alguma chance de ele abrir seu coração para ela. Era loucura ter esperança que ele realmente se importasse, mas ela não podia ajudá-lo. Já não importava se ela fizesse de tola a si mesma. Tudo o que importava era este escuro, solitário e notável homem que lhe mostrara o que era. Alguém que realmente desejava com cada fibra do seu ser... Precisava dele como necessitava de água e ar. Ele facilmente roubou seu coração. —Eu preciso muito de você para estar errado.

—Não!— Limpando a boca com as costas de seu pulso, ele saiu de seus braços, se levantando nos joelhos que ainda montava seu quadril, os músculos dos braços e coxas salientes contra a sua roupa escura. O peito expandiu-se com cada uma de suas ásperas respirações pesadas, enquanto o olhar horrorizado em seu rosto rasgou seu coração. Ele abriu os olhos para revelar pontos de frio, insensível cinza, olhando para ela como se tivesse acabado de descobrir que estava deitado com uma víbora venenosa. Algo frio e mortal que poderia destruir a ele se chegasse muito perto.

—Rhys?— Ela sussurrou, cobrindo os seios desnudos, com os braços tremendo.

—Eu não posso...— ele forçou as palavras a sair entre os dentes cerrados. —Eu não posso chegar tão perto de você.

—O quê?— Ela balançou a cabeça, tentando entender.

Ele olhou para longe, passando as mãos para trás em seu cabelo.

—Maldição — ele rosnou. Seu olhar frio cortou a sua face e ele apertou os olhos, sua voz grossa e com acusação quando ele disse. —Que diabos você está querendo?

Ela piscou, sentindo-se doente. As linhas de suspeita sobre o seu rosto escuro aprofundado, um brilho estranho nos olhos prateados, como se uma torrente de emoções tumultuosas passasse por ele. Recusando-se a desistir, ela estendeu a mão, mas ele empurrou longe, movendo-se rapidamente sob seus pés.

—Rhys, por favor. — ela chamou-o, levantando em uma posição sentada.
—Por favor, não fuja de mim. Basta falar comigo. Diga-me o que está errado!

Fazendo tudo o que podia para lutar contra ela, Rhys afastou-se, respirando duramente com o esforço de negar-se a única coisa que ele ansiava com cada célula do seu corpo e a única coisa que ele poderia facilmente destruir.

—Cristo, Alia. Você não tem idéia do que está fazendo.

Ela colocou os braços em volta de seu próprio corpo, os olhos vidrados e brilhantes, como se estivesse lutando contra as lágrimas.

—Eu só queria estar perto de você. Para lhe dar prazer. Mas eu me perdi no momento e fui tomando tudo para mim, não fui?

—Pelo amor de...— Sua voz se perdeu e ele engoliu em seco, incapaz de acreditar no que ele tinha ouvido.

Ela respirou fundo, sua expressão determinada quando disse.

—Mas se você simplesmente voltar pra mim, eu farei meu melhor para fazer você se sentir bem também.

Um tremor violento percorreu caminho através de seu corpo e ele deu mais um passo para trás, necessitando da distância, necessitando estar em qualquer lugar do mundo, menos ali com ela olhando para ele como um sacrifício requintado de virgem, pronta para oferecer-se até a sua luxúria. Seu puxão era irresistível, quente, sedutora e pura chamando-lhe como uma sirene, drogando seu corpo e sua mente. Chamando a sua própria alma. E ainda tinha que encontrar alguma maneira de combatê-la... E afastar-se dela.

Ela lambeu o lábio inferior, com os olhos pesados de paixão, as faces coradas, boca inchada e vermelha. Ele sabia que teria sido impossível encontrar uma mulher mais desejável, não importava o quão intensamente ele procurasse e ele sabia que ela não tinha idéia de quanto ele a queria. O quanto ele queria e precisava dela.

—Eu sei que não tenho experiência, mas posso ser ensinada, Rhys. Certamente você poderia me dizer o que preciso saber para fazer você se sentir bem.

Ele fechou as mãos ao seu lado e seu corpo estremeceu, seus músculos enrolados, a fome em suas veias diferente de tudo que ele já tinha conhecido.

—Pelo amor de todas as coisas santas, Alia. Por favor, apenas fique quieta.

Seu queixo tremeu, mas ela levantou-o em um ângulo desafiador.

—É porque você foi para a aldeia? Você já teve uma mulher essa noite, então?

—Não — ele rosnou pela segunda vez. —Eu... eu fui para a taberna, mas eu não estive... com ninguém.— Ele deveria ter mentido, mas por alguma razão, a verdade foi arrancada de seus lábios e ele podia ver o alívio que iluminou os olhos dela.

—Estou feliz. — ela sussurrou. —Eu odiava o pensamento de você ir para outra mulher. Eu queria... Queria que você viesse para mim.

Rhys cobriu os olhos com uma mão, sentindo como se estivesse à beira de alguma emoção de grande horror. Algum perigoso pecado irrevogável, e ele estava apavorado que não tivesse força para fazer a coisa certa.

—Por favor, não diga mais nada — respondeu asperamente. —Eu não posso aguentar.

—Mas...

—Não — ele rosnou, cortando-a. — Não!

Sem olhar para ela novamente, ele se virou e antes que ela pudesse dizer outra palavra, Rhys saiu da caverna, refugiando-se no frio silêncio da noite.

CAPÍTULO CINCO

Com um suspiro suave nos lábios, Alia abriu os olhos para a visão deslumbrante de Rhys agachado ao lado dela, seu olhar de aço concentrado em seu rosto, como se tivesse estado olhando-a enquanto ela dormia. O calor estava de volta em seus olhos, ardente e brilhante, a prata mais ofuscante que o sol da manhã, fazendo-a corar.

—Eu não iria acordá-la tão cedo — disse rispidamente, levando a mão grande e quente ao ombro. —mas não temos tempo a perder, se queremos chegar a Somerset ao anoitecer.

Ela lançou um olhar rápido ao redor da caverna, empurrando seus cabelos emaranhados de volta de sua testa e olhou para sua cama.

—Você não dormiu?— Perguntou, esperando que seu rosto não parecesse tão quente como se sentia. Calor floresceu em seu rosto enquanto ela pensava no que tinha feito ontem à noite, atirando-se para ele de forma tão descarada.

—Um pouco — ele murmurou, não encontrando os olhos dela, e ela sabia que ele estava mentindo.

Tomando uma respiração profunda, Alia preparou para dar voz às palavras que precisavam ser ditas, palavras que ela juntou enquanto deitou no cobertor fino no meio da noite, observando as chamas da dança do fogo, esperando que ele retornasse antes de saírem em sua jornada. Mas quando ela olhou para seu rosto estranhamente bonito, o doce desejo mexeu com sua inteligência, seus pensamentos se dissolveram como açúcar na sua língua. Sacudindo a cabeça enquanto mudava para uma posição sentada, ela limpou sua garganta e pegou a cruz que estava sobre o cobertor ao lado dela.

—Antes de ir, — ela murmurou o calor no rosto se tornando mais quente —eu preciso falar com você.

—O que é?— Ele perguntou secamente, temendo claramente o que ela tinha a dizer.

—Isso não precisa ser a sua luta, Rhys. Você pode salvar a si mesmo. Tome este Marcador — disse ela, oferecendo a ele — e troque-o por sua vida se eles vierem atrás de você. Vou conseguir os outros sozinha.

—É mesmo? — Perguntou ele calmamente. Ela tentou ler em seus olhos expressivos, mas estavam muito estreitos agora, sombreado pela sobancelha grossa e por suas pesadas pestanas.

Alia assentiu com a cabeça em resposta à sua pergunta, sua respiração firme em seu peito.

—É isso o que você realmente pensa de mim? — Disse ele após um período doloroso de segundos e havia algo terrível sobre seu tom de voz suave e calma que a fez recuar. — Que eu negociaria sua vida pela minha? Deixá-la desprotegida, enquanto eu fujo com a cruz?

Sua testa estava franzida, os cantos de sua boca apertada com uma carranca.

—Eu não estou tentando te insultar. Eu não vejo por que você deva pôr em perigo a sua vida por alguém que — ela levantou os ombros em um encolher tenso — bem, por alguém que é apenas um trabalho para você. E eu

posso administrar tudo bem o bastante sem você, se eu tiver que fazer Rhys. Você não precisa se sacrificar por minha causa.

Ele se agachou no chão ao lado dela, um braço apoiado sobre o joelho dobrado, o seu outro joelho apoiado contra o chão de pedra da caverna. Sua mão direita repousava na coxa dura, e ela viu quando ele apertou o punho forte, as veias grossas pulando sob sua pele escura. Sacudiu o punho com um ligeiro tremor, como se ele estivesse lutando pelo controle.

—Peço desculpas se eu te dei a impressão errada na noite passada, mas eu não vou deixar você. — Sua voz estava baixa, áspera com emoção. —Eu preferiria morrer, Alia, a deixá-la sozinha.

—Não diga isso! — Ela engasgou, odiando como ele parecia confortável com a idéia, como se a morte não fosse nada.

—Eu não tenho medo de morrer. — Ele tomou uma respiração profunda, então lentamente liberou-a. — A única coisa que realmente me assusta — disse com os olhos apertados... Escuros — é saber que você está em perigo. Eu não tenho nenhuma intenção de sair do seu lado até que tenhamos conseguido o que nos expusemos a fazer e sua vida não estiver mais em perigo.

Parecia que ele estava tentando escolher as palavras com cuidado, apenas para tê-los arrancado contra a sua vontade, revelando verdades que ele teria preferido manter escondidas. Escondidas da vista. Enterrado sob suas defesas.

—Então me beije outra vez — ela de repente ouviu-se dizer, as palavras caindo ofegantes de seus lábios, firmes e macios. Eles foram a prova de que ela não tinha mais controle do que ele tinha, mas isso não era surpreendente. O Reavess eram conhecidos por serem criaturas apaixonadas, muitas vezes seguindo seus corações contra os ditames de suas mentes.

Seus olhos, que haviam sido reduzidos pelo insulto, ficaram grandes de surpresa. Ele não disse nada de imediato, olhando para ela com um milhar de diferentes emoções queimando através desses belos olhos, a cor hipnotizante como uma fúria, um mar agitado de prata. Ela não tinha dúvida de que o chocou com sua forma direta, mas não podia deixar isso parar. Se ela não o empurrasse, lutando contra a sua resistência, então nunca iria alcançá-lo, nunca iria quebrar o seu caminho para o homem escondido dentro.

—Por favor, Rhys. — Ela estendeu a mão para tocar a mão em punhos, e viu a maneira como ele enrijeceu, como se ele não estivesse acostumado a ser tocado. Não com bondade. E nunca com amor. Ele quebrou o seu coração por pensar em sua infância fria. Por pensar em tudo o que ele tinha sofrido. Curvando os dedos ao redor de sua mão, disse: — Apenas um beijo. Apenas um. E então eu prometo que vou deixá-lo sozinho.

Ela estava tão certa que ele se recusaria que seu coração quase estourou de alegria quando ele inclinou-se perto, o rosto de repente preso no aperto quente e forte de suas mãos, a boca roçando a dela com uma promessa de tirar o fôlego com o prazer encharcado.

—Alia — Aquela voz... Deus. Tão profunda, escura e deliciosa. Era hipnótico. O baixo e rico grunhido. Convincente... Inebriante com sua beleza. O som do barítono profundo dizendo seu nome quase a matou. —Oh, Jesus. Eu

tentei avisá-la ontem à noite que você não deve tentar-me assim. É tão errado, Alia.

Errado? Como poderia alguma coisa maravilhosa como isso estar errado? Pensou vagamente, enquanto ele a abaixou para a manta, cobrindo-a com a sua dureza e o seu calor.

—Não parece errado — ela sussurrou, chegando com a mão para tocar a superfície irregular do seu maxilar. —Parece bom demais para estar errado, Rhys. Parece bom demais para parar.

—Eu vou, sem dúvida, para o inferno por isso, mas se... Se você confia em mim — disse ele roucamente, tocando sua língua na batida do seu pulso na base da garganta. —Eu posso dar-lhe mais. Mas temos que ter cuidado.

Ela respondeu ansiosamente com o seu corpo, espalhando as pernas embaixo dele quando ela arqueou seus quadris, e ele resmungou:

—Levante seu vestido. Mostre-me você, Alia.

Ele endireitou seus braços de repente, quando baixou o olhar, vendo como ela agarrou um punhado de tecido plissado azul, puxando lentamente o vestido, cada camada agarrada revelando mais e mais ao seu afiado olhar predatório. Tornozelos e panturrilhas. Seus joelhos dobrados e a superfície interior pálida das coxas. Ela estava infinitamente grata por ter despido a calcinha antes de ir dormir, deixando-a nua sob o vestido.

Quando ele olhou para ela, seus olhos queimavam. Esfumaçados. Ele fez um som áspero no fundo da garganta e então foi mudando de posição, o braço esquerdo flexionado, tendo o seu peso, e empurrou a mão direita entre as pernas, apalpando a carne macia e úmida. Ela gritou, chocada com a explosão de sensações doces que bateram nela, prendendo-a em uma embreagem estonteante de prazer. Murmurando uma sequência erótica de palavras em voz baixa, ele deslizou os dedos sedutoramente através das encharcadas pregas íntimas do seu sexo, enquanto olhava para ela com uma intensidade mais negra, poderosa, como se fosse machucá-lo desviar o olhar. Havia algo de dolorosamente íntimo no seu rosto quando ele tocou a parte mais sensível, e ela tremia enquanto seu polegar acariciava o nó endurecido da carne que parecia prender seu batimento cardíaco.

—Você já se masturbou? — Perguntou em voz baixa e áspera. Ele olhou em seus olhos enquanto esperava pela sua resposta e passou a ponta do seu dedo mais longo ao redor de sua abertura repetidas vezes, até que ela estava tremendo e quente, com o rosto úmido. —Já, Alia?

Ela agitou a cabeça, afundando seus dentes em seu lábio inferior, sabendo exatamente o que ela queria com ele, apesar de sua inocência.

—Por favor — ela sussurrou, arqueando, sentindo como se pudesse queimar viva se ele não a ajudasse a aliviar a dor pesada que tinha se estabelecido embaixo de seu corpo. Com os olhos apertados sensualmente nos cantos, ele começou a colocar aquele dedo longo dentro do seu sexo, pressionando-o... Afundando profundo e ela choramingou com a sensação deliciosa. —Oh, Deus — disse ela quebradamente, levantando seus quadris, maravilhada com quão diferente a penetração sentia de qualquer coisa que ela jamais imaginou. Suas fantasias sobre ele tinham sido sempre com foco suave e doce, como os sonhos de uma menina. Mas Rhys a tocou como se ela fosse

uma mulher, puxando o dedo muito quente para fora do seu sexo, em seguida empurrando de volta, trabalhando contra a resistência apertada natural do seu corpo.

— Levante mais os joelhos. — disse em uma voz rouca, e quando ela seguiu o seu comando, ele trabalhou em um segundo dedo junto com o primeiro, estendendo aquela pequena parte dela. Sua pele era febre úmida e quente, como se o calor estivesse derramando de sua mão até seu corpo, derretendo-a de dentro para fora. Ele enfiou os dedos mais fortes, mais profundos, os músculos salientes em seu braço... Esfregando o polegar perversamente contra o clitóris e pulsando suavemente. Inclinando-se para baixo, ele raspou seus dentes em seu mamilo coberto de pano e ela chorou algo que soou muito próximo a dor. Uma onda de prazer de tirar o fôlego crescia em sensação, como a escalada, as notas de uma música hipnótica, e Alia podia sentir-se subir mais alto... E mais, tentando alcançar algo que ela queria desesperadamente encontrar. Para agarrar.

E então, de repente ela atingiu o tesouro e caiu deliciosamente sobre a borda em um esquecimento, neblina grossa que estava quente, melada e doce. Continuou por um tempo infinito, como se estivesse drogada, até que seu corpo ficou finalmente lânguido e suave, desossado, encharcado com persistente pulsos de prazer, sua garganta ardendo pela força acentuada de seus gritos. Levou toda sua força obrigar-se a abrir os olhos pesados, mas valeu a pena o esforço quando ela encontrou o rosto moreno de Rhys perto ao seu, os olhos ardendo de fome, sua expressão de pura necessidade, não adulterada.

Ela lhe deu um sorriso pequeno, tímido quando ele moveu-se propositadamente com os dedos enterrados dentro dela, acariciando levemente contra seus sensíveis tecidos internos, como se quisesse lembrá-la de onde estava... O que ele tinha feito. Que era ele que estava a penetrá-la. Que ele a fez gozar com nada mais do que um simples toque. E então ele estava puxando os dedos de dentro dela, sua voz escura, aveludada e grossa enquanto ele disse.

— Eu me pergunto se você é tão saborosa quanto parece.

Com os olhos arregalados, Alia o viu levantar a mão à boca, tendo os dois dedos dentro da boca cintilante. Um gemido profundo retumbou em seu peito, como se estivesse engolindo o prazer e em seguida ele puxou os dedos livres, olhando para ela com uma expressão maravilhada.

— Eu nunca fiz isso antes — admitiu em uma voz profunda que fez lembrar um brandy rico.

Ela molhou o lábio inferior com sua língua, ainda atordoada pelos pulsos remanescentes de felicidade que rolou através dela, lânguido quente e rico.

— O quê?

Ele pressionou seus quadris contra os dela, a deixando sentir o tamanho chocante de seu eixo endurecido e colocou a mão quente de encontro ao lado de seu pescoço, acariciando a pele macia sob o queixo com o polegar calejado.

— Fazer uma mulher atingir o seu pico com nada mais do que meus dedos. Ou pôr seu gosto na minha boca.

Seus olhos se arredondaram. Ela teria pensado que um homem mundano como Rhys já havia experimentado tudo sexualmente.

—Você não fez?

Ele deu um sorriso irônico.

—As mulheres que eu tenho levado para a cama só estavam interessadas em meu... — De repente ele parou, um toque de aquecimento rosa nas maçãs do rosto, e ela percebeu que ele estava corando. Ela poderia muito bem imaginar o que ele tinha estado para dizer. O cume da sua enorme ereção estava ainda apertando fortemente contra o seu núcleo pulsando suavemente, o corpo desesperado para a sensação dele dentro dela. E ela ainda queria mais do que o seu corpo magnífico. Ela queria, numa palavra, tudo.

Empurrando os cabelos úmidos para trás de seu rosto, ela murmurou:

—Bem, eu estou interessada em você todo. Na verdade, eu acho que poderia tornar-me completamente viciada em ter suas mãos em mim.

—Cristo, não diga isso — disse selvagememente, seu corpo vacilando na reação.

—Por quê? É verdade. Quando você me toca eu perco minha razão. Eu perco tudo, até que não há nada mais que o jeito que você me faz sentir. É sempre assim entre os amantes?

Ele balançou a cabeça, começando a afastar-se, sua expressão sombria, mas ela se recusou a deixá-lo ir, cavando os dedos em seu bíceps duro. Embora ele pudesse facilmente ter rompido seu aperto, ele amaldiçoou e abaixou seu corpo de volta contra o dela, de imediato tendo a boca em outro profundo beijo. Beijou-a até que ela não conseguia lembrar seu nome... Até que ela tinha esquecido o que era ou como respirar... Quando ele finalmente se soltou, ela puxou o ar, os olhos apertados contra a febre queimando das lágrimas. Seu pescoço arqueado enquanto ele beijou para baixo em sua garganta, sua mão grande empurrando seu caminho de volta entre as pernas.

—Você é tão bonita. — ele murmurou, beijando um caminho úmido em seu ombro desnudo, enquanto seus dedos brincando com o clitóris apertado. Ela estremeceu, e de repente ele pressionou três dedos dentro da entrada apertada ao mesmo tempo em que fechou os dentes na junção sensível entre o ombro e o pescoço. Ela resmungou quando ele mordeu forte o suficiente para deixar uma marca, a penetração de seus dedos grossos e a mordida agressiva de sua boca empurrando-a em outra explosão, a outro duro pulsar de prazer. Ela gritou mais uma vez, o som ecoando agudamente fora das paredes rochosas da caverna até que soou como um milhar de vozes gritando em êxtase.

A explosão de calor que disparou através de seu corpo a assustou com sua intensidade, e Alia sabia, naquele momento, que ela era capaz de tomar esta medida sem fazer a sua confissão. E não importa o quanto ela queria, ela não poderia fazer isso com Rhys.

—Desculpe — ele sussurrou em voz baixa quando apertou os lábios sobre a marca no ombro. Ele beijou a pele avermelhada, depois arrastou sua boca contra sua carne, enquanto ele fez o seu caminho de volta para sua boca. Ele acariciou-a com um profundo beijo de fome que evoluiu através dela como um aquecimento de vinho inebriante. Ele disse tanto com o toque de sua boca

contra a dela - sem usar uma única palavra - e ela sentiu a queimadura de lágrimas correndo das profundezas da sua alma. Ela poderia provar a si mesma em seus lábios... A língua, a intimidade surpreendente quebrando por ela, como algo frágil e vulnerável que não tinha defesas. Eu o amo, pensou ela, sabendo que estava irrevogavelmente dizendo a verdade. Amou-o em maneiras que ela não poderia mesmo colocar em palavras, elas eram tão preciosas, tenras e macias.

Ele levantou poucos centímetros para olhar para ela, seu olhar penetrante, os dedos longos e grossos dentro de seu corpo, mal se movendo enquanto eles continuaram a pressão suavemente dentro dela.

—Você me enfeitiçou, Alia? Usou a sua magia em mim?

—Não — ela sussurrou, balançando a cabeça. —... Eu pensei nisso, mas nunca poderia fazê-lo. Seria errado. A violação do seu coração... Eu nunca poderia fazer isso com você, Rhys.

Ele estudou o rosto dela, tocando em cima de cada recurso com o seu olhar ardente, e ela poderia dizer no instante em que decidiu acreditar nela.

—Eu sei que preciso deixá-la sozinha, mas eu não posso parar. Ainda não — ele gemeu. —Quero colocar minha boca em você, em primeiro lugar. Tocá-la com a minha língua.

As palavras ásperas, a voz rouca a fez estremecer. Era seu tempo para se entregar. Mas ela tinha feito uma promessa a si mesma. Uma que ela sabia que tinha que manter, não importa o quão mal ela queria simplesmente desistir e perder-se à beleza de sua posse.

Olhando fixamente em seus belos olhos, ela perguntou o que poderia mudar o rumo de seu futuro.

—Você se importa comigo, Rhys?

Seu olhar se afastou, sua expressão de imediato se apertou com o que parecia um lamento irritado quando ele retirou sua mão de seu corpo, deixando-o frio por dentro. Vazio.

—Não importa o que eu sinto, Alia.

—Então você não o faz. — Ela apertou, sentindo como se seu coração estivesse prestes a quebrar em um milhão de peças.

—Não importa de uma maneira ou de outra — disse ele pesadamente, sua mandíbula apertada. —Eu nunca poderia fazer uma vida com você... É impossível.

Foi a coisa mais difícil que ela já fez, dizer-lhe a verdade.

—E eu não posso deixar isso ir mais longe, Rhys. Não se você não me ama.

Um som pesado saiu de sua boca implacável, como algo preso entre um riso amargo e um rosar de desprezo, enquanto ele lentamente reconheceu seu olhar cheio de lágrimas, seus olhos queimando ferozmente com o calor. O cinza prateado era líquido e luminoso, com aviso inconfundível.

—Confie em mim, Alia — disse ele suavemente. —Você não quer que eu te ame.

—Então nós temos que parar. — Rangendo os dentes, ela lutou com força para afastá-lo, os sólidos músculos de seu peito duro e firme sob as mãos. Ele era muito forte e pesado para ela o mover fisicamente, mas ele seguiu e deixou ela se levantar.

Trocando em posição sentada, ela abriu a boca enquanto puxava a saia sobre os joelhos, mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele a cortou, dizendo:

—Não há necessidade de uma explicação. Você fez a coisa certa.

Ela não conseguia parar o tremor de sua boca... De seu corpo.

—Eu-g gostaria que você deixasse-me explicar.

—O que há para explicar? — Ele murmurou, passando uma das mãos pelo rosto, seu olhar se concentrou em alguns pontos distantes do chão, como se ele estivesse sendo cuidadoso para não olhar para ela. —Você estava certa de parar isso, Alia. Mais do que você mesmo imagina. Há coisas sobre a maioria dos Charteris que muitos não sabem. As coisas importantes.

—Como o quê? — Ela sussurrou.

Como o quê? Uma pergunta tão inocente e Rhys odiava ter que lhe dar uma resposta.

Raspando a palma da mão áspera sobre o queixo, de repente ele pensou em como ela o chamou de bonito. Uma coisa tão estranha para ele se lembrar, quando ele soube que não era nada disso. De todos os adjetivos que poderiam ser usados para descrevê-lo, a beleza não era um deles. Com mais de 2 metros embalados com músculos duros e poderosos, ele estava acostumado a criar temor nas pessoas. As mulheres tendiam a se interessar por ele apenas como uma espécie de desafio, como se elas desfrutassem em arriscar intimidade com uma criatura selvagem e perigosa. Elas não o viam como uma coisa bela, elas simplesmente o viam como uma coisa.

E agora Alia pensaria o mesmo. Ele levou um momento para saborear a maneira que ela olhou para ele, os olhos azuis suaves e doces, cheio de desejo, em seguida forçou-se a dizer a verdade.

CAPÍTULO SEIS

—Há uma espécie de transformação fisiológica que acontece quando fazemos sexo com alguém que nós nos importamos...— explicou Rhys — que pode ser mortal se a mulher não é de sangue Charteris. Se ela é alguém que inspira forte emoção dentro de nós, mas cujo corpo é vulnerável. Há muitos que acreditam que ele foi criado para garantir que apenas criados dentro do clã se relacionem, mantendo as espécies puras, uma vez que a nossa semente só é fértil durante esse período... de mudança. Mas ninguém realmente sabe com certeza.

Alia trabalhou durante a sua confissão em sua mente e começou a entender tudo que não tinha sentido antes.

—É por isso que você disse que era de estranhar que seu pai não havia matado sua mãe em seu leito conjugal, não é? Porque ela não era Charteris.— Ela franziu a testa em confusão quando outro pensamento lhe ocorreu. —Mas você também disse que eles não gostavam um do outro intensamente. Então por que ele teria sido perigoso?

—Eu tenho ouvido muitas vezes que o amor e o ódio são duas faces da mesma moeda — disse ele. —Eu acho que eu sempre pensei que o nível de animosidade entre eles poderia ter causado a transformação. E o fato de que eu tenha sido concebido prova que meu pai deve ter tido pelo menos algum grau de alteração.

Limpando a garganta, ela calmamente perguntou:

—O que acontece, exatamente?

Ele ficou em silêncio por um momento em pé, com o corpo rígido foi ligeiramente para longe dela, sua cabeça inclinada para baixo enquanto ele olhava fixamente para algum ponto distante no solo.

—Nós permanecemos inalterados, contanto que nós estejamos compartilhando relações sexuais com uma mulher que não significa nada para nós. Mas quando nossas emoções estão envolvidas, a mudança ocorre e nós literalmente queimamos com o calor. Nossos corpos. Nossa... semente. Não é só o calor, mas o suficiente para queimar fisicamente. Para derreter a carne. Ter sexo com uma mulher que nos importa e não é Charteris é matá-la. — O baixo riso amargo caiu de sua boca e ele sacudiu a cabeça. —Eu acho que é por isso que aqueles de nós que vivem fora do clã são todos canalhas frios. Nós sabemos que o melhor é não tentar a sorte.

—Então todo esse tempo que passamos nos rodeando — ela murmurou, —você manteve distância porque estava com medo de machucar-me?

Ele fez um som áspero na garganta, o corpo alto e musculoso vibrando com uma tensão forte, as mãos fechadas ao seu lado.

—Eu já te machuquei — ele rosnou, cortando um olhar brilhante para a junção entre o pescoço e o ombro, onde a impressão de seus dentes ainda podia ser vista. —O calor não é a única coisa que nos torna perigosos. Nós somos criaturas de coração primitivo, propensos à dominação e agressão. Para ser franco, Alia, somos brutos como o inferno.

—Eu poderia ter gritado quando você me mordeu, mas eu não estou machucada, Rhys. Eu não quebro facilmente, ou você esqueceu que eu não sou mais humana do que você é?

Um olhar estranho se apoderou de seu rosto, escurecendo o seu olhar.

—Você parece muito humana — ele resmungou.

—Como podem fazer muitos dos antigos clãs — disse ela com cuidado — você incluído. Mas só porque eu possa parecer frágil, não significa que eu sou. Admito que não tenha o seu tamanho ou força incrível, mas eu não estou completamente sem meus próprios recursos.

Ele arqueou uma sobrancelha com um olhar arrogante de descrença.

—Você esqueceu que o seu sangue Merrick é dormiente, Alia?

Um fantasma de um sorriso tocou no canto de sua boca.

—Eu também sou metade Reavess, Rhys. Estou longe de ser tão vulnerável quanto uma fêmea humana.

Sua cabeça inclinou para o lado e deu um passo hesitante em sua direção, sua expressão presa.

—Então por que você me parou? Você estava com medo... Eu podia ouvir o tremor de medo em sua voz.

—Mas não de você — ela corrigiu. —Eu só... eu estava com medo de prender você.

—O que significa isso?— Rhys resmungou com um estouro de impaciência.

Ela puxou o lábio inferior com os dentes, o rosto lavado com o calor e nervosa disse:

—Os Reavess não entram em seus plenos poderes, até nós termos vinte anos, o que significa que eu ainda sou uma novata em muitas maneiras. Ainda aprendendo... ainda despertando os dons que eu herdei da minha mãe. Mas há aspectos da Reavess que já são uma parte de mim. É por isso que eu parei você. Se fôssemos...

Ele olhou, esperando as palavras saírem de seus lábios, quando um som chamou sua atenção. Rhys imediatamente levantou a mão em um comando sem palavras para o silêncio, ao mesmo tempo um corpo alto mudou-se para a boca da caverna, recortado contra a luz da manhã, o céu com as nuvens cinzentas. Ele não poderia ver a cara do intruso, mas soube em um instante quem era, e queimou-se com sua dor interior em conhecimento.

—Barrett?— Ele murmurou, esperando como o inferno que isso não significasse o que ele pensava. O que ele sabia que significava.

—Graças a Deus eu encontrei você — o soldado gritou, levantando a mão em saudação.

Rhys estreitou os olhos.

—Que diabos você está fazendo aqui?

A expressão de Barrett tornou-se desagradável.

—Eu decidi juntar-me a você na noite passada em Wolcott, mas você já tinha ido embora à hora que eu cheguei lá. Assim eu fiquei para me divertir, eu ainda estava bebendo na taverna quando ouvi que havia pessoas à procura de Alia, na aldeia. Segui-os — explicou ele, suas palavras ásperas com raiva — e não demorou muito para saber o que tinha acontecido. Felizmente, eu fui capaz de rastreá-lo pelo seu perfume.

Rhys estudou o seu amigo nos mais ou menos cinco metros que os separavam, incapaz de negar o conhecimento doloroso que o soldado estava mentindo. O escuro olhar de Barrett deslizou longe da intensidade do seu, enquanto Rhys atraiu uma respiração profunda, o cheiro azedo do medo dele inundava seu sistema. Enquanto o sangue Charteris de Rhys fervia com a idéia de traição de seu amigo, lhe ocorreu que as palavras de Barrett na tarde anterior tinham sido um tipo de aviso. Que o homem queria que ele fosse para a vila para que não fosse morto com os outros durante o ataque a Matthew Buchanan. Ou isso, ou Barrett não queria atirar-se contra Rhys e sua habilidade com uma espada.

Deus, ele tinha sido tão cego. Ele sabia que nunca deveria ter deixado Alia e seu pai no cuidado dos outros guardas. Que ele deveria ter confiado em seus instintos, quando sentiu que algo estava errado. Ele tinha cometido tantos erros e agora ela ia pagar por todos eles.

—Alia — disse ele baixinho, virando a cabeça ligeiramente enquanto mantinha seu olhar focado em Barrett. —Venha aqui.

Ela estava parada atrás dele, mas rapidamente se aproximou. Rhys pegou seu pulso, posicionando-a atrás de suas costas, sua respiração ofegante contra o seu ombro, e ela olhou em torno de seu lado. Ele odiava que ela estivesse com medo. Que ele não conseguiu protegê-la.

O canto da boca de Barrett se torceu em uma expressão de dor, e sacudiu a cabeça lentamente, um som cansado escapando debaixo de sua respiração.

—Então, o meu segredo está descoberto — disse ele simplesmente, levantando o rosto para olhar Rhys.

—Cristo, Barrett, em que diabos você se meteu? Você está destinado a ser um dos bons.

—Nós não podemos todos ser tão santos como você — Barrett falou em um tom irônico. Rhys podia ouvir o sabor amargo nas palavras de seu amigo e perguntou por que ele nunca tinha notado antes. Ele sabia que Barrett estava cada dia mais distante, mas será que tinha realmente o traído? Estava cego para o que estava acontecendo ao seu redor?

—Se você está com problemas, por que não veio a mim? — Perguntou enquanto o vento entrava além da caverna, trazendo o cheiro da chuva, o céu iluminando-se com o estrondo forte de um trovão. —Gostaria de tê-lo ajudado.

—Não se culpe, Rhys. Não há nada que você poderia ter feito para evitá-lo. As pessoas que eu estou trabalhando estavam determinadas a chegar até Buchanan de uma forma ou de outra. Se não por mim, eles teriam feito um acordo com um dos outros.

Ele resmungou, então disse:

—Há algo que eu não entendo. Se você estava a ajudá-los, porque eles foram à procura de Alia na aldeia na noite passada? Com suas habilidades de rastreamento, você teria sido capaz de achar o perfume dela e saber que não tinha ido para Wolcott.

—Acredite ou não, ela só teve sorte — explicou Barrett com outro sotaque irônico, esfregando a mão esquerda contra o seu queixo, enquanto sua mão direita pairou perto do punho da espada. Embora os guardas do

Consórcio fossem treinados no uso de todas as armas, incluindo pistolas, eles continuaram a usar principalmente o aço, muitas vezes enfrentando coisas que não poderiam ser mortos com balas.

—Parece que seu pai foi capaz de colocar a mentira na mente da velha. Eu deveria ter percebido que era um ardil para nos jogar fora, mas eu estava tão distraído preocupado que poderia voltar — Barrett continuou —que eu não prestei bastante atenção. Eu... eu não quero que você fique no meio disto, Rhys. Eu não posso dizer como fiquei desapontado quando finalmente voltamos para a casa da anciã e pudemos ver que estava com ela. — Algo que parecia pesar cintilou nos olhos de Barrett. —Eu não quero que você seja uma parte disso.

—Não é tarde demais. Você não tem que continuar com isso.

—Assim diz o nosso herói superior — elogiou. —Mas todos nós não temos sido tão generosamente recompensados com o ouro do Consórcio como você, Rhys. Adorei viver além de meus meios por muito tempo, e fui forçado a fazer um mau negócio — murmurou o soldado, seu rosto torcido em uma careta. — Um que eu não posso sair, mesmo que eu quisesse.

As suas palavras enojaram Rhys que disse:

—Há sempre uma escolha.

—Você têm alguma idéia do que esses homens vão fazer comigo?— Barrett gritou, de repente perdendo a compostura, seu rosto ficando corado, os olhos arregalados de pânico.

—Não mais do que você merece — ele rosnou. —Para quem você trabalha? O Coletivo?

—Não, eles não são humanos... não, Rhys. E eles são fortes, talvez até mesmo sangue puro.

—Sangue puro do quê?— Ele exigiu, lançando mão dos seus sentidos, tentando encontrar o perfume de outras pessoas que podiam ter vindo com Barrett. Mas o céu se abriu com uma leve chuva, a garoa caindo constantemente para fora da boca da caverna, tornando impossível sentir o perfume além da entrada.

Barrett sacudiu a cabeça novamente.

—Para ser honesto, eu não tenho idéia. Mas eles me despedaçam se eu não dou o que eles querem.

—E o que é isso?

Barrett empurrou o queixo em direção de Alia, com o rosto pálido ainda espreitando em torno do ombro de Rhys.

—A menina vai nos mostrar onde o pai encontrou o Marcador. Então vamos levar o resto deles.

—E se nós recusarmos? — Ele perguntou, querendo saber onde os outros estavam. Barrett disse nós, o que significava que ele não estava sozinho.

Um baixo ruído de gargalhadas caiu dos lábios de Barrett, quando ele olhou de Alia para a cara de Rhys.

—Você não vai recusar — disse ele, conscientemente. —Não quando você tem algo tão precioso para perder. Mas lamento Rhys. Eu realmente não tinha escolha. Não tenho mais nada agora. — Barrett começou a andar para frente e Rhys reagiu imediatamente. Em um rápido movimento do músculo e do instinto primitivo, ele bateu o soldado contra a parede da caverna, seu

antebraço direito pressionado duramente contra o pescoço do traidor antes de Barrett poder até tirar a sua espada.

—Porra, Rhys!— Barrett xingou, puxando ineficaz o seu braço. —Essas coisas vão me matar se eu não dou o que eles querem. E não vai ser uma morte fácil. Eles vão descascar a carne do meu corpo. Despedaçar-me, pedaço por pedaço!

—Eu estou indo para salvá-los do problema — ele rosnou, atolando seu braço duro contra a garganta de Barrett.

—Mate-me, então — o amigo murmurou fracamente —mas não vai salvá-la. Nada pode salvá-la agora.

Ele ouviu o suspiro de Alia e quando ele cortou um olhar sombrio para a boca da caverna, Rhys viu que suas suspeitas haviam sido finalmente confirmadas.

Assim como ele adivinhou, o traidor não tinha vindo sozinho.

CAPÍTULO SETE

Eles foram a caminho das cavernas em Wookey Hole no frio úmido da noite, as nuvens pairavam no céu como algo premente em seus corpos, sufocante e espesso. As águas do rio Machado que corriam para dentro da caverna estavam congelando, embebendo as suas roupas enquanto eles viajavam para as profundezas cavernosas da terra e Alia não conseguia fazer parar de bater os dentes em voz alta. Ou talvez isso fosse apenas a sua reação à preocupação e medo enrolando em seu interior num emaranhado denso de nós. Desde o momento em que ela tinha visto as imagens mentais que seu pai tinha enviado antes de sua morte, ela tinha conhecido o perigo que estava por vir e estava ainda mais perto de compreender como estava indo para vencer. Se ela e Rhys estivessem sozinhos eles poderiam ter desenvolvido um meio de recuperar os Marcadores que não terminasse em dor e morte, mas foram cercados pelo inimigo.

Durante a viagem, ela tinha ouvido Rhys perguntar a Barrett sobre os outros soldados e soube que eles eram simplesmente mercenários que haviam sido contratados para ajudar os traidores a obter as cruzes. O que significava que a identidade de quem controlava Barrett continuava a ser um segredo. Ele tinha, no entanto, trazido os soldados contratados e a velha junto com ele, a mulher era corcunda e enrugada com pele cinzenta, o que comprovava sua vasta idade. Ainda assim, apesar de sua aparência decrépita, os olhos negros eram nítidos, com foco, percebendo tudo ao seu redor enquanto ela colocava os dedos retorcidos contra Alia, que tinha sido forçada a abandonar a cruz. A velha os assistia com um frio olhar malicioso, as ondas do mal rolando fora de sua aparência para encher o ar úmido da caverna com um cheiro rançoso.

Eles estavam dentro de um nicho, dentro da caverna principal e a água preta do rio fluía em suas costas, a parede curva em um semicírculo diante de si. A única luz vinha da cintilação das lanternas levadas pelos homens de Barrett, o vazamento de luz dourada formava sombras sinistras contra a bruta superfície escarpadas de pedra. Havia dez soldados ao todo, em pé de costas para o perímetro curvo, o teto só alto o suficiente para poder passar suas cabeças.

Ao seu lado Rhys vibrou com uma fria raiva mortal, o calor de seus músculos explodindo contra o seu corpo, embora ele não fosse capaz de afastar o frio de sua roupa encharcada. Eles não tinham sido capazes de falar em privado, mas Alia supôs que ele estava furioso com ela por liderar Barrett e os outros para as cavernas onde os Marcadores Negros estavam escondidos. Mas ela não tinha escolha. Depois que os soldados haviam chegado, Barrett tinha ameaçado matar Rhys se ela não lhes dissesse o que eles queriam saber e ela tinha tomado a decisão fácil. Já havia perdido seu pai por causa desses canalhas e não estava disposta a perder Rhys também. Mas Alia sabia que tinha apenas comprado uma fatia pequena de tempo. A única razão de Rhys ainda estar vivo era porque os outros não sabiam se ele teria ou não alguma utilidade para eles antes que sua tarefa fosse concluída, e ela esperava um inferno que ele estivesse chegando com um plano que iria tirá-los de lá.

Barrett já tinha passado através de uma fenda estreita, no centro da parede curva da alcova, que o levou a pequena câmara que seu pai lhe havia mostrado, com suas imagens mentais. A fissura foi protegida por um feitiço para que não fosse detectável a olho nu, mas Alia tinha sido capaz de convocar as palavras que revelaria sua localização, as palavras que seu pai lhe havia mostrado antes de morrer. Ela também sabia que no centro da sala havia um poço de fogo, chamas laranja lambendo o ar como um ninho de serpentes famintas se contorcendo. Quem havia escondido os Marcadores tinha planejado queimar a alcova continuamente para proteger o valioso tesouro que estava em sua base. Barrett já havia tentado de várias formas pegar o saco que continha os Marcadores do fundo do buraco, mas cada um dos objetos imediatamente se desintegrou quando tocou as chamas mágicas.

Com Barrett caminhando impacientemente de um lado da alcova para o outro, de repente a velha murmurou:

—Eu posso ver agora que as chamas só podem ser quebradas com a mão.

Barrett fez uma carranca furiosa em sua direção.

—Então como é que eu vou recuperá-los sem queimar minha carne?

—Faz a garota ir. — ela resmungou, os lábios finos retorcidos em um sorriso malévolo. —Seu pai deve ter usado um dos feitiços de sua esposa para recuperar a cruz ilesa. Ele, sem dúvida, deve ter compartilhado com a menina.

—É melhor que seja verdade — resmungou Barrett enquanto cortava o seu olhar em direção a Alia, a ponta afiada de pânico em seus olhos escuros impossível de perder. Apesar do frio do ar da caverna, o soldado estava suando, sua pele pálida à luz bruxuleante das lanternas. Seja quem fosse que estivesse controlando Barrett era nítido que despertava o seu terror.

—Eu posso tentar — disse calmamente Alia, estremecendo quando Rhys virou a cabeça para ela com um olhar sombrio de acusação. Embora não estivesse surpresa pela ordem da velha, ela não tinha partilhado a sua preocupação com o homem que estava ao seu lado.

—Eu não posso acreditar que você não me contou sobre o fogo — ele rosnou em voz baixa e agitada. —Que diabos você estava pensando?

Ela levantou os ombros em um ligeiro encolher.

—Eu não queria preocupá-lo.

—Alia — ele resmungou, olhando como se a quisesse estrangular.

—Vai ficar tudo bem — ela sussurrou, tentando dar-lhe um sorriso tranquilizador.

Forçando a pergunta através de dentes cerrados, ele disse:

—Então você sabe o feitiço? —Ela tentou não vacilar, mas Rhys estava observando muito de perto. — O que é?— Ele exigiu.

—É que minha magia não é poderosa o suficiente para trabalhar aqui — explicou ela, uma borda nervosa nas palavras que ela não conseguia disfarçar. —Esta terra é protegida, guardada pelo poder original que existe para proteger os Marcadores.

Os pálidos olhos cinzentos de Rhys estreitaram com a frustração.

—Então, como fez seu pai para conseguir a cruz?

—Ele usou uma das magias da minha mãe, como ela disse. — Alia inclinou a cabeça em direção a velha. —Mas é um poder grande que não estou familiarizada, o que significa que poderia ser... difícil para mim.

—Será que o seu pai teria sido capaz de conjurar a magia sem ser Reavess? — Ele perguntou com um vinco profundo entre as escuras sobrancelhas.

Alia assentiu.

—Eles estavam realmente unidos, o que significa que ele teria sido capaz de canalizar o poder da minha mãe, mesmo a partir de sua próxima vida. Mas, como sua filha, a minha conexão só funcionou quando estavam vivos. Sinto muito, Rhys.

—Não se desculpe — ele resmungou sob sua respiração, o seu olhar voltado para os outros. —Não é como se eu fosse deixá-la ir, de qualquer maneira.

—Ela não tem escolha — argumentou Barrett em voz alta, dando um passo a frente. Era óbvio que o traidor estava ouvindo cada palavra da conversa.

—Eu vou em seu lugar — disse Rhys com firmeza, a sua voz profunda e ressonante com o comando.

—O quê? — Ela suspirou, deixando cair o queixo de surpresa. —Não! Isso não é possível!

—Eu sou a melhor chance que você tem — ele resmungou, sua atenção focada completamente em Barrett enquanto ele segurou o olhar apavorado do soldado.

—Por favor, Rhys! Por favor, não vá lá! — Ela implorou, agarrando-lhe o braço.

Ele se virou para ela e inclinou-se para pressionar um beijo carinhoso na sua testa, enquanto a mão esquerda acariciava ao longo do comprimento de seus cabelos encharcados.

—Não se preocupe comigo — ele sussurrou. —Eu posso fazer isso, Alia. Eu prometo.

—Como?— Ela perguntou sua voz embargada quando ele inclinou para cima seu queixo com a ponta de seu dedo.

O canto da boca curvou com um sorriso.

—Só porque eu não abracei o Charteris que faz parte do meu sangue, não significa que eu não posso fazê-lo

Ela piscou com surpresa.

—Mas você sempre fez o seu melhor para enterrar essa parte de você, Rhys.

—Você está certa, porque eu sempre odiei isso — ele respondeu com um gesto lento, seu olhar de repente queimando com intensidade. —Mas as coisas são diferentes agora. Eu me importo com você mais do que eu odeio o Charteris.

As lágrimas caíram dos olhos de Alia em uma corrida salgada e quente, a garganta trêmula de emoção.

—Eu não acredito nisso. Você me diz isso agora, quando estou prestes a perdê-lo? — Ela gritou, batendo os punhos contra a parede sólida de seu peito.

Ele respondeu tomando seu rosto em suas mãos grandes e dando-lhe um duro e rápido beijo que só a fez chorar mais.

—Não tenha medo — ele murmurou, pressionando sua cabeça contra a dela. —Eu vou tirar você viva disso, Alia. Eu prometo.

—É com você que eu estou preocupada — disse ela com voz entrecortada. — Com você, Rhys. Não comigo.

Ele a beijou de novo, tão suavemente que era quase uma dor física em seu coração, e então ele se afastou.

—Mantenha-a aqui — ele resmungou, olhando para Barrett quando virou as costas para ela. —E eu vou pegar para você a cruz.

Fazendo o seu melhor para ignorar o som do choro doloroso de Alia, Rhys cuidadosamente fez o seu caminho através de uma fenda estreita. Segundos depois, ele estava agachado no interior da câmara, pequenas cúpulas de circunferência não superior a dez metros, olhando para o poço raso cavado no meio do chão. O fogo lambeu a partir do buraco como a respiração ardente de um dragão, e o canto de sua boca se contorceu com humor amargo.

—Justo — ele murmurou, antes de puxar a camisa sobre a cabeça e deixá-la cair no chão de pedra da câmara. Ele se ajoelhou ao lado da cova, o seu olhar se concentrou sobre as ardentes chamas. Elas pareciam línguas de fogo que estavam ansiosas para saborear sua carne, mas ele não estava com medo. Não, seu único medo era a segurança de Alia. Com uma respiração profunda, Rhys fechou sua mão direita e fechou os olhos, concentrando-se em chamar o sangue primal da besta antiga que vivia dentro dele. Quando sentiu a ondulação mudando sob sua pele, ele se inclinou para frente e atingiu a profundidade no buraco.

Quando os dedos roçaram a superfície rugosa do saco que estava na parte inferior, Rhys soltou um suspiro de alívio e abriu os olhos. Esperava pelo menos uma pontada de dor ardente, mas em vez disso as chamas lambeiram contra o seu braço como algo frio e úmido, fazendo-o tremer. Apesar de ter permanecido em sua forma humana, ele conseguiu transformar parcialmente o braço inteiro, sua pele brilhando agora com um brilho profundo, polido, que foi capaz de resistir as chamas do fogo. Surpreendentemente, o braço parecia o mesmo, porém mais dourado e com um brilho ofuscante que ele só havia visto nos Charteris quando eles mudavam totalmente a sua forma de dragão.

Odiando que Alia estivesse na caverna sem ele, Rhys fechou rapidamente a mão ao redor da parte superior do saco e puxou-o. Uma rápida olhada dentro do saco mostrou um emaranhado de brilho de diversas cruzes, os braços grossos sobrepostos uns aos outros, todos misturados de forma que era impossível dizer quantos eram sem despejá-los todos para fora, o que ele não tinha tempo para fazer. Embora ele já tivesse os Marcadores, ainda precisava de uma maneira de obter que Alia saísse viva de lá. Olhando fixamente para a luz bruxuleante das chamas, Rhys pensou nas histórias que ouvira de guerreiros Charteris que poderiam deter o fogo... E controlá-lo. Seria possível para ele fazer o mesmo? Ele não tinha idéia, mas estava pronto para experimentar.

Com sua mente focada, ele prendeu o saco na mão esquerda e meteu a direita de volta ao fogo bruxuleante. Quando ele fez o caminho de volta para

os outros apenas momentos depois, os olhos de Barrett brilhavam com uma luz profana quando olhou para o saco que Rhys ainda segurava na mão esquerda.

—São eles?— O soldado resmungou, com a voz fraca de alívio.

Rhys assentiu com a cabeça em resposta, e continuou se movendo mais perto de Alia. Ele tinha certeza que Barrett ou um dos outros não teriam deixado ele se aproximar se tivessem prestado atenção, mas cada um de seus olhares de cobiça permaneceu trancado no saco que balançava de seu punho.

—Me dê. — Barrett de repente rosnou a mão direita pousada no punho da sua espada. —Não tente nada estúpido, Rhys, ou eu juro que ela vai pagar.

Nem no inferno, pensou ele, pisando de lado para fechar a distância entre eles até que ela ficou menos de um pé de distância, de costas para as águas escuras do rio.

—Alia — disse baixinho, cortando uma olhada rápida no seu rosto encharcado de lágrimas. —Eu apenas queria que você soubesse que eu te amo.

E então, depois de tomar uma respiração profunda, Rhys empurrou-a para o rio.

No instante em que ela bateu na água, ele olhou para trás para os outros e abriu a mão direita, revelando a bola de fogo que ardia e dançavam ali, pairando sobre a palma da mão. A velha gritava, obviamente vendo o que ele queria fazer, mas já era tarde demais. Barrett e os soldados contratados correram na direção dele, as espadas levantadas, mas Rhys era muito rápido. Permitindo a troca de ondulação em toda a superfície de seu corpo, ele jogou o braço no ar e a bola de fogo explodiu em uma erupção espantosa que varreu a alcova. A noite foi preenchida com o som de gritos horríveis, os homens queimando sob a fúria das chamas rugindo.

Apenas a velha ficou em pé, seu corpo curvado em bolhas enquanto o vicioso incêndio a consumia. Ela gargalhou numa explosão de risos estridentes e conseguiu levantar seus braços em chamas, a pele derretendo, revelando pedaços de ossos por baixo. Rhys amaldiçoou baixinho quando percebeu que ela pretendia vingar-se antes de uma morte ardente consumi-la. Fechou os olhos, esvaziando a sua mente de tudo exceto de Alia, e rezou para que ela pudesse nadar em segurança. Em seguida, uma explosão violenta de energia do corpo da velha voou e bateu nele. Ele bateu no chão, duro, seu corpo envolto em uma enorme nuvem de fogo crepitante.

CAPÍTULO OITO

Alia estava se preparando para se empurrar para cima a partir do fundo do rio, quando viu a explosão impetuosa chicotear para fora sobre a superfície ondulada da água, sua mente gritando com terror pela segurança de Rhys. O segundo brilho laranja ardente das chamas começaram a desaparecer e ela rompeu a superfície da água com um suspiro duro. O cheiro nauseabundo de carne queimada no ar fez-lhe ânsia, mas ela lutou contra o reflexo e entrou em pânico olhando o corpo brilhante de Rhys quando a velha bateu-lhe com uma parede de chamas derretidas e ele caiu no chão. Nesse instante, Alia encontrou-se preenchida com a necessidade selvagem incontável de proteger Rhys, uma sensação maior que qualquer outra que já tinha sentido. Foi uma tempestade que rugiu em suas veias, incessante e alimentada exclusivamente por amor.

Entoando palavras de um antigo encantamento perigoso que só as bruxas Reavess mais instruídas deveriam ter sido capazes de concluir, Alia chamou o sangue poderoso de seus antepassados e forçou tudo o que tinha para o feitiço. Poder subiu através dela, perfurando contra os interiores, construindo e construindo, até que subitamente ficou livre em uma onda violenta de energia, forçando as águas do rio a subir bem alto no ar. A parede de água elevada pairou por um único instante, brilhantes e escuras, e, em seguida, caiu sobre o corpo de Rhys, extinguindo as chamas, ao mesmo tempo em que a velha bateu violentamente contra a parede da caverna. Seu corpo carbonizado explodiu no impacto, se desintegrando em pedaços enegrecidos de cinzas que se espalharam pelo ar antes de flutuar lentamente para o chão molhado.

Escalando desajeitadamente as margens do rio, Alia caiu três vezes em sua pressa para chegar até Rhys, e então ficou finalmente ajoelhado ao lado de seu corpo nu, suas roupas destruídas pelas chamas, com as mãos pressionadas urgentemente contra o calor persistente em seu rosto, a barba por fazer que escurecia o queixo áspero contra as palmas das mãos.

—Rhys, lembra! — Ela gritou, agitando-o. Três dos faróis milagrosamente conseguiram-se manter acesos, iluminando a beleza escura do rosto, a pele de alguma forma incólume, como se as chamas do fogo nunca o houvessem tocado. Ele já não brilhava com a luz ofuscante de ouro que ela tinha visto, e ela apertou-lhe mais duro, quase chorando de alívio quando as pálpebras piscaram e seu olhar cinzento encontrou de imediato com o dela.

—O que aconteceu? — Ele resmungou, sentando-se rapidamente, a sua expressão cheia de intenções mortais quando ele olhou em volta da alcova, pronto para protegê-la.

Quando ele percebeu que os outros estavam todos mortos e olhou para ela, Alia deu-lhe um sorriso trêmulo, os olhos vidrados de lágrimas.

—Pareceu que você poderia se matar tentando me salvar e eu não estava disposta a deixar que isso acontecesse.

Seus olhos se alargaram.

—Você me salvou da velha?

—Eu acho que nós salvamos um ao outro — ela sussurrou, então balançou a cabeça lentamente. —Embora eu realmente não o salvei, uma vez que o fogo parece não ter prejudicado você em nada. Com sua explosão de energia deve ter apenas batido a cabeça. Mas quando vi o que ela estava fazendo com você, eu pedi ajuda ao rio e ele a jogou na parede assim ela se desintegrou. — O canto de sua boca se contorceu quando acrescentou — Parece ser muito protetora quando você está em perigo.

—Só me prometa que você nunca vai fazer nada tão perigoso novamente — resmungou, olhando-a como se ele estivesse preso, sem conseguir desviar o olhar. —Porque eu não poderia viver se perdesse você, Alia.

Ela alisou os cabelos para trás com a ponta dos dedos, de alguma forma encontrando a força para não olhar seu corpo nu, mas não foi fácil, visto como o homem era pura perfeição. Esperando que ele pudesse ver a verdade de suas palavras nos olhos dela, disse:

—É o mesmo para mim, Rhys.

Ele calmamente disse o nome dela, antes que lhe desse um sorriso deslumbrante que a fez prender fôlego.

—Eu ainda não posso acreditar em tudo o que aconteceu. O que você fez foi tão surpreendente — disse ela com um sorriso tímido. —O que você fez... Eu nunca vi nada parecido em toda minha vida.

—Parece que uma pele Charteris é mais útil do que eu jamais teria imaginado — ele disse com um sorriso.

—Você pode me mostrar? — Perguntou ela. —Eu não podia ver claramente a partir do rio.

Ele ergueu o braço em resposta à sua pergunta e ela assistiu a pele escura de seu antebraço começar a se iluminar com um brilho dourado profundo.

—É lindo — ela sussurrou, com cuidado acariciando a pele luminosa com a ponta dos dedos.

Um sorriso torto derrubou o canto da boca de Rhys.

—E, felizmente, completamente à prova de fogo.

Ela riu novamente, olhando em seus olhos.

—Você parece tão feliz — disse ela baixinho, incapaz de desviar o olhar da beleza de tirar o fôlego de sua expressão.

—É porque estou feliz — disse ele, colocando a palma da mão contra o lado do rosto dela. —Deus, Alia, eu pensei que ia te perder.

—Oh, Rhys. Como eu poderia morrer quando o homem que eu amo me disse que ele me ama também?

—Você realmente não sabia? — Perguntou ele, as palavras ásperas com a emoção.

Outra explosão de riso caiu dos lábios dela.

—Eu não tinha idéia!

Havia certo fogo nos olhos dele enquanto ele a olhava, a cor cinza pálido tornando-se algo que parecia líquido e quente. Pura prata derretida, cintilante, brilhante e belíssima.

—Como isso é possível? — Ele perguntou sua voz profunda decadência em seus sentidos. —Eu tinha pensado que era tão óbvio, vendo como eu gastava todo momento pensando em você. Querendo saber o que você está fazendo, o que você está pensando, o que você está sentindo. E então, em vez de encontrar o esquecimento no sono, você está lá também, me atormentando, me tentando a ter as coisas que eu pensei que nunca poderia almejar. Você me guiou para fora da minha mente com a necessidade, Alia. Como não sabe? Você está cega?— Ele exigiu seu tom de repente cortou com uma nota agradável de exasperação. —Eu pensei que os Reavess eram seres perspicazes!

—Somos — ela sussurrou. —Mas muitas vezes estamos cegos para as coisas que mais queremos ver, permitindo que nossos desejos e emoções ofusquem a nossa visão.

Sua expressão estava apertada com a dor quando ele disse:

—Eu quero tanto você que está me matando, mas seria tão fácil para mim te machucar. Mesmo você sendo mais forte que um ser humano, eu poderia... Eu ainda poderia queimá-la, Alia.

—Mas você não vai — ela assegurou a ele, perguntando se seu sorriso parecia tão presunçoso quanto o sentia. —E eu vou dizer por quê. Porque bruxas Reavess podem assumir os traços de seus companheiros durante a união. O que significa que você não pode me machucar, Rhys, não importa o quão quente você se torne.

—Você está falando sério? — Ele murmurou, ainda a olhando como se não fosse sequer capaz de respirar.

Ela assentiu com a cabeça e mordeu o canto do lábio, sabendo que não havia mais como ela esconder o que tinha para lhe dizer.

—Mas sinto que tenha outra confissão. — ela disse com voz rouca. —Há algo mais sobre as bruxas Reavess que ninguém fora da linhagem e seus maridos sabem.

—E o que é?

—Quando uma companheira Reavess fica com o homem que detém o seu coração — disse ela — que o liga a ela de corpo e alma é um vínculo inquebrável que nunca pode ser desfeito. Eu sei que parece incrível, mas é verdade. Se fizerem amor, estarão unidos para sempre.

Por um momento, o choque fez o seu rosto ficar em branco, limpando-o de expressão. E então ele começou a rir, o som retumbante sexy e baixo, a expressão em seu rosto era tão bonita que doía só de olhar para ele.

—É por isso que me empurrou para fora esta manhã?

Ela assentiu com a cabeça, calor florescendo sob a pele que queimava em seu rosto.

—Eu não sabia se você me amava e não queria prendê-lo, ligando-o para sempre a uma mulher que não se preocupa. Mesmo que ela fosse eu.

—Você é uma boba linda — ele gemeu, pressionando os lábios em sua testa. —Não pode prender algo que já é seu.

O pulso correu com suas palavras, rugindo nos seus ouvidos, mas tinha que ter a certeza que não havia nenhum mal-entendido.

—Você tem certeza? — Perguntou ela. —Porque uma vez feito, não é algo que pode ser desfeito. Você vai ficar preso comigo para o resto de sua vida, Rhys.

—E na próxima vida também. Certo?

Ela assentiu com a cabeça, olhando profundamente em seus olhos, como se ela pudesse encontrar a prova de sua honestidade lá. Ele esfregou o dedo em toda a curva de seu maxilar, o alegre olhar a queimando, fazendo vibrar e pulsar o coração... O seu corpo derreteu.

—E o que vai acontecer quando estivermos juntos? — Perguntou ele com outro sorriso fácil enquanto se movia a seus pés em uma exposição devastadora dos longos músculos, linhas masculinas que a faziam hiperventilar.

Ela engoliu piscando, lutando para chegar a sua voz após o nó tremendo de emoção que se fez na garganta.

—Bem, pelo menos uma coisa sei que vai acontecer. — ela finalmente conseguiu responder — Nós vamos ser capazes de nos comunicarmos através de nossas mentes. E os nossos filhos serão capazes de se comunicar conosco também.

—Crianças — Rhys murmurou quando a puxou para baixo a seus pés, pressionando-a contra a batida pesada do seu coração. A idéia de ter uma família com Alia era tão bonita e emocionante que ele mal podia se conter. — Eu gosto do som disso.

Deslizando o Marcador que seu pai tinha encontrado dentro do saco junto com os outros, Rhys descartou o saco apertado quando Alia se ergueu em seus braços. Fitando os olhos luminosos, ele disse:

—Agora, vamos sair daqui, de modo que você possa me mostrar exatamente como será esta união.

Embalando-a contra seu peito, ele levou-a para fora da caverna esfumaçada, no luar leitoso. A noite estava calma, a tempestade se deslocava na distância e ele respirou fundo, enchendo-se com uma estranha sensação de graça, luz e beleza, como se sua vida de alguma tivesse sido tocada por um milagre. Um que ele estava segurando em seus braços possessivamente.

—Onde estamos indo?— Ela perguntou, depois de ter colocado algumas roupas de uma das embalagens que os soldados tinham vinculado aos seus cavalos e subiu em cima de seu garanhão.

Rhys quis saber se o seu sorriso parecia tão feroz como ele o sentiu.

—Vamos colocar um pouco de distância entre nós e este lugar, apenas no caso de alguém vir procurar hoje por Barrett. E depois vamos encontrar a mais próxima pousada que nós pudermos.

—Você deve estar exausto — ela murmurou quando ele estabeleceu o seu corpo grande por trás dela.

—Nem um pouco — ele murmurou em seu ouvido, perguntando se ela tinha alguma idéia de quanto precisava dela.

Eles cavalgaram por algumas horas, até que Rhys soube que estava ficando difícil continuar, correndo o risco de parar e levá-la no chão ali mesmo. Quando chegaram à aldeia mais próxima, ele foi direto para a primeira pousada que pode encontrar. Até o momento em que eles chegaram ao seu

quarto, ambos estavam ofegantes com antecipação. Ele arrastou-a, mas todos na sala estavam quentes, antes de fechar rapidamente a porta e trancá-la.

Então se virou para ela e tentou se lembrar de que ele precisava ir devagar, antes que a assustasse, quando tudo o que ele queria era estar dentro dela, ser uma parte dela o mais rapidamente possível.

Alia viu como o rosto de Rhys apertou com um olhar duro, predatório do desejo, antes dele respirar fundo e colocar os Marcadores na caixa ao lado da porta.

—Tem certeza de que isso é o que você quer Rhys? — Ela perguntou enquanto olhava para o saco. —Minha vida não será fácil. Vou ter que proteger os Marcadores. Mantê-los para não cair em mãos erradas. — Obrigou-se a olhar para ele, sua boca tremia quando ela disse. —Se você vier comigo, estará virando as costas para tudo. Em todo o mundo.

Ele caminhou elevando-se sobre ela quando tomou delicadamente o rosto dela em suas mãos grandes, seus olhos de pálpebras pesadas travados no dela.

—Não há ninguém além de você, Alia.

—Rhys — ela disse sem fôlego, ciente de sua intenção. —Nós nem sequer ainda nos banhamos. Eu devo estar terrível.

—Você é a mulher mais linda que eu já vi e eu quis você durante cinco longos meses que pareceram anos. — ele rosnou, rasgando os botões de seu vestido. —Me desculpe, mas eu não posso esperar mais.

Ela podia sentir o seu desespero, sua necessidade no estremecimento do seu corpo, no tremor de seus músculos. Suas mãos estavam por toda parte, acariciando... Tocando, tirando-a de suas roupas. Ela não soube como ele conseguiu remover a sua própria roupa, sua cabeça estava zonzinha por conta de seus beijos devastadores, mas de repente eles estavam caindo na cama, seu corpo forte pressionando-a contra o colchão macio, sua pele deliciosamente quente contra a dela.

—Abra suas pernas para mim — gemeu. —Deixe-me sentir você.

Ela fez como ele disse, ofegando quando ele se pressionou entre as suas coxas, o contato íntimo e afiado. Gritou quando ele abaixou-se em seu corpo e cobriu as dobras sensíveis do seu sexo com a boca. Sua língua era quente e macia enquanto ele lambia, rosnando um som profundo e predatório de prazer contra sua carne tenra encharcada. Ele ficou lá por um tempo indeterminável, esfregando, empurrando, fazendo-a sentir um prazer além do que Alia jamais poderia ter imaginado. Ele lambeu avidamente, como se fosse a coisa mais deliciosa que ele já tinha provado. Como se quisesse ficar horas deitado entre suas coxas. Ela tremeu se contorceu e gritou quando o primeiro orgasmo rasgou através dela, e rosnou mais alto quando ele apertou o rosto contra ela, enfiando a língua alternadamente dentro dela e lambendo avidamente contra o calor suave pulsante de seu clitóris.

Quando ela engasgou novamente com a respiração, Rhys voltou sobre ela, aleitando suavemente em ambos os mamilos, em seguida mudou-se mais elevado, empurrando os fios úmidos de seus cabelos para trás de seu rosto. Seus olhos brilhavam de emoção quando ele disse.

—Eu nunca acreditei em amor até que eu conheci você. E eu sei que ainda há muito mais para você mostrar-me... para eu aprender, mas eu sei

que eu daria minha vida para mantê-la sempre longe do sofrimento sem um momento de dor. Eu sei que eu não posso respirar quando você não está comigo. E eu sei que você é a única mulher que eu sempre quis.

—Rhys — ela suspirou, sem acreditar que ele pudesse fazer essa declaração tão sincera.

—Eu sei todas essas coisas, mas acima de tudo, eu sei que em todo o mundo, você... você é a coisa mais preciosa que eu poderia ter encontrado. Nunca poderia ter imaginado que iria encontrar alguém como você. — Ele tocou sua boca, estremecendo contra ela, em seguida ergueu a cabeça. Olhando fixamente em seus olhos, ele disse. —Eu vivo por ti, Alia.

Sua respiração parou por segundos e foi nesse momento que ele empurrou dentro dela, penetrando a cabeça pesada e inchada de seu pau dentro dela. Ele era muito grande para o movimento ser fácil, mas apesar da dificuldade, se sentia... Incrível. A espessura da veia alongando seu corpo. A dureza e o calor eram de tirar o fôlego. O erótico batimento de seu pênis penetrando onde ninguém jamais entrou.

—Oh, Cristo, você está tão apertada — ele rosnou, cuidadosamente puxando para trás os seus quadris.

—O que você está fazendo? — Ela ofegava, em pânico, tentando desesperadamente obter um puxão em sua pele molhada de suor para que ela pudesse puxá-lo mais profundamente. —Não me deixe!—

—Eu não vou deixar você — ele grunhiu, seu queixo duro quando ele empurrou de volta, dando-lhe apenas um pouco mais do que antes. —Eu só estou tentando ser cuidadoso.

—Você não ouviu uma palavra do que eu disse antes?— Ela sussurrou, colocando de lado seu rosto quando sorriu para ele.

—Sim — ele forçou as palavras através de seus dentes. —Mas eu não estou tendo nenhuma chance com você.

Alia inclinou a cabeça para o lado, seus longos cabelos emaranhados em todo o travesseiro.

—Ou me toque como você quer, ou não me toque. Eu não vou aceitá-lo em minhas medidas, Rhys. Eu quero todo o homem, não uma pequena parte dele.

—Esse é um dos problemas, Alia. — Ele deu um áspero e frágil rumor de riso. —Não há nada pequeno em mim.

Ela tinha certeza que havia uma luz brilhante travessa nos olhos dele quando ela disse:

—Eu sei. — Sua voz era mais rouca do que nunca tinha sido antes, e o viu endurecer, em reação ao som erótico. —E eu não estou reclamando, Rhys. Eu amo tudo sobre você. Eu amo que você seja maior que a vida. Eu amo saber que nada em você é pequeno. Eu quero tudo isso. Eu preciso de tudo isso. Tudo de você.

—Eu juro que há momentos que você não parece ser virgem — disse ele, sacudindo a cabeça.

—Por quê?

—Porque ninguém tão inexperiente deveria ser tão sedutora — ele suspirou. —Isso está me matando.

Antes que ela pudesse responder, de repente ele puxou seus quadris e enfiou em sua vagina com selvageria pura, empurrando tão profundo que ela quase podia senti-lo contra a batida de seu coração. Sua boca encontrou a dela, possuindo-a como uma febre erótica, o seu gosto primitivo e selvagem completamente viciante. Ela passou as mãos sobre o comprimento de suas costas quente, lisa, musculosa, o poder do amor de tirar o fôlego e a força quando ele mudou-se dentro dela, trabalhando cada vez mais profundo.

—Seus olhos — ela sussurrou, parecendo impressionada quando assistiu a mudança na cor hipnotizante.

O canto da boca de Rhys se derrubou com um sorriso.

—O que têm eles?

—A cor. Eles são... de ouro. Como o fogo âmbar.

—Eu sempre soube que você trabalhou sua magia em mim — retumbou em uma profunda voz de veludo escuro, seu corpo batendo nela agora em um ritmo duro provocativo que fez a cama bater contra a parede com cada pesado impulso agressivo. Abaixando a cabeça, sua respiração estava quente na orelha quando ele disse. —Você me deixa em chamas, Alia. Cada parte de você. Você é tão bonita... tão doce.— Ele puxou de volta, o olhar em seus olhos bonitos a derreteu na mais pura e bruta necessidade. —E você é minha — ele rosnou. —Sempre minha.

Foi fascinante observar o modo como o brilho espalhava pelos olhos, derramando sob sua pele, até que seu corpo estava queimando como uma brilhante fonte incandescente de luz. E assim como Alia lhe tinha dito, seu corpo começou a mudar com o seu, sua pele transformando-se na mesma máscara mistificadora de ouro. Sua pele queimava contra a dela e dentro de seu corpo, seu eixo maciço cresceu incrivelmente quente, mais grosso, intensificando o prazer. Ela se contorcia embaixo dele, as sensações de afluência através dela como uma onda devastadora de êxtase e dor cortante, a dor de alguma forma aumentando o prazer até que ela estava chorando e gemendo o nome dele, agarrando-o, querendo mais... E muito mais. Tremores rítmicos de seu orgasmo cresceram com força, seu corpo um potente motor no mais profundo do seu ser... E então ela explodiu em um êxtase chocante, vertiginosa explosão de calor branco, de luz ofuscante. Seu pescoço arqueado quando ela gritou pela brutal onda de prazer quebrando evocativa através dela, cada uma de alguma forma mais doce e mais perfeita que a anterior.

Como se consumido pela mesma necessidade violenta que ardia através dela, Rhys levou-se em seu corpo com tanta força que a estrutura da cama toda bateu contra a parede, a madeira rachando fortemente assim como a sua própria libertação rasgou através dele, o rugido primal rompeu em seu peito, o som mais delicioso que já tinha ouvido. E quando ele se derramou dentro dela, a ardente explosão foi um choque de calor que puxou um profundo gemido sensual de sua garganta.

Oh, Cristo, você está bem? Rosnou apenas alguns segundos depois, ofegante por ar e ela se perguntou se ele percebeu que tinha falado as palavras dentro de sua mente.

Eu estou derretendo com prazer. Silenciosamente ela sussurrou, já em outro clímax devastador que parecia ainda mais poderoso que os outros. Ela

teria rido do olhar de tirar o fôlego que floresceu em seu rosto, mas a intensidade do orgasmo a varreu e tudo ficou escuro e em silêncio quando desmaiou.

Quando ela finalmente voltou, o corpo de Rhys estava caído contra o dela, seu hálito quente contra seu ouvido. Ficaram assim por um momento longo, interminável e, finalmente, puxou-se da cama para que pudessem tomar banho juntos ante o fogo crepitante da sala, em uma banheira de água cheia de vapor do calor persistente em seus corpos. Então eles voltaram para a cama, fizeram amor duas vezes mais antes que ele a envolvesse em seus braços fortes e a puxasse contra o peito. Colocados em seus lados, de frente um para o outro, compartilhando o mesmo travesseiro... O mesmo ar, perdidos nos olhos uns do outro.

—Você acha que há alguém no Consórcio que devemos falar sobre os Marcadores? — Perguntou ela, prendendo suas pernas com as dele.

Ele balançou a cabeça, puxando-a para mais perto, como se ele não quisesse nada mais do que absorvê-la em seu próprio corpo.

—Não depois do que aconteceu com Barrett. Não há ninguém que possa confiar.

—O perigo ainda está lá fora — ela sussurrou — e nós ainda não sabemos quem quer isso ou por quê. Mas eu tenho uma idéia que poderia funcionar para manter-nos seguros.

—O que é? — Ele perguntou e ela teve que se esforçar para se concentrar quando ele mudou um pouco para trás a trilha das pontas dos dedos sobre a sua clavícula, antes de viajar pelo centro dos seus seios.

—Eu estava pensando que eles devem ser separados, tornando-os mais difíceis de encontrar. Assim, poderíamos enterrá-los individualmente, dispersando-os em tantos países diferentes quanto pudermos — explicou ela, esforçando-se para focalizar enquanto as pontas dos dedos suavemente circularam seu umbigo. —Então, podemos encontrar algum canto do mundo que nós amamos mais do que todos os outros e vamos construir uma casa lá. Uma que é cheia de risos, amor e tantos filhos quanto pudermos encaixar.

Ele fez um som agudo de emoção em sua garganta, em seguida beijou-a profundamente... Avidamente, como se ele não conseguisse o suficiente do seu gosto.

—Você sabe o que isso significa, então, não é?

—O que?— Ela perguntou, sem fôlego, ainda zumbindo de seu beijo devastador.

—Se nós vamos ter muitos bebês, então vamos precisar de muita prática — murmurou com um sorriso perverso, rolando sob seu bonito corpo rígido. E momentos depois, eles começaram a queimar.

EPÍLOGO

Seis meses depois...

Em pé no topo de uma colina, coberta de flores coloridas, Rhys olhou a paisagem deslumbrante sobre o vale Toscana abaixo deles. O pôr do sol tocou seus dedos macios sobre a majestosa beleza da terra, pintando com tons manchado de roxo e rosa, e ainda era incomparável à da mulher ao seu lado, um sorriso gentil curvando seus lábios enquanto ela olhava o vale com ele. Seus dedos estavam entrelaçados com os dela, a sua forma delicada pressionada estreitamente ao longo do lado esquerdo de seu corpo, como se ela não pudesse ter nenhum espaço entre eles. O pensamento fez seu pulso acelerar, mas era ainda um choque poderoso em seu sistema o fato que Alia o amava tão desesperadamente quanto ele a amava.

Embora eles tivessem aprendido muito desde aquela noite angustiante no Wookey Hole Caves, havia ainda muitas perguntas que ficaram sem resposta. Para quem Barrett trabalhou todos os meses? Por que eles queriam os Marcadores tão avidamente? Que efeitos desconhecidos as cruzes possuíam? E enquanto ele e Alia não tinham as respostas, sabiam, sem qualquer dúvida, que estavam fazendo a coisa certa. Especialmente agora que tinham ouvido os fragmentos de uma lenda cigana que profetizou o retorno do Casus e que um dia o dormente Merrick iria acordar. Alia era inflexível que, se esse tempo chegasse, seus descendentes teriam que ter uma maneira de encontrar a antiga cruz, e por isso eles decidiram deixar para trás os mapas que levariam aos Marcadores.

Agora, depois de meses de planejamento, eles finalmente chegaram à pitoresca ladeira para enterrar a primeira cruz. Anos a partir de agora, depois que tinha terminado de escondendo os outros, eles voltariam a este lugar e enterrariam os mapas ao lado do Marcador Negro que seu pai tinha levado uma vez para estudo. Alia garantiu-lhe que esta cruz seria a primeira a ser encontrada, e planeou a soletrar os mapas que acabaria por enterrar aqui para garantir sua preservação. Os mapas também seriam codificados com um código especial que a mãe de Alia tinha usado para seus feitiços mais poderosos, tornando quase impossível de se quebrar.

—Você percebe o quão difícil nós fizemos isso para eles, não é?— Ele perguntou quando eles tinham feito a viagem para a Itália, pensando no Buchanan que poderia um dia precisar encontrar as cruzes.

Alia lhe tinha dado um sorriso secreto e disse.

—Nossa linha de sangue vai ser incrivelmente poderosa. E eu vou deixar um presente. Os especiais que irão ajudá-los quando chegar a hora.

Embora parecesse uma façanha impossível, Rhys não tinha dúvidas de que ela seria capaz de fazer exatamente isso. Quando seus poderes cresceram, ele realmente ficou impressionado com as coisas que ela era capaz. Mas nada impressionava mais do que o jeito que ela havia transformado sua vida.

Virando a cabeça para olhar para baixo na preciosa mulher que agora era a sua amada esposa, murmurou:

—Então, você realmente acha que eles vão ser capazes de encontrar esse lugar?

Ela sorriu com aquele secreto sorriso sedutor dela, ambos se viraram um para o outro, suas mãos sobre os seus ombros quando ele colocou os braços em volta de sua cintura.

—Eu sei que eles vão — disse ela, inclinando-se na ponta dos pés para pressionar um beijo carinhoso contra seus lábios. —Assim como eu sei que você vai ser um pai maravilhoso, algum dia, Rhys.

Suas palavras o pegaram de surpresa, em seguida expandiu-se uma onda quente de emoção, derretendo seu coração.

—Como você sabe? — Perguntou ele, suas palavras suaves com reverência.

—Porque eu conheço seu coração — ela murmurou seus olhos azuis brilhando de felicidade. —Eu vi a luz dentro de você e é linda.

A respiração de Rhys travou quando ele olhou sua expressão. Quando ela olhava para ele assim, quase podia acreditar que ela realmente via a beleza dentro de si.

Eu te amo, disse a ela, levantando a mão direita para a bochecha ao lado de seu rosto enquanto ele acariciava o seu polegar contra a sua pele macia.

Seu rosto inclinou um pouco para o lado, na palma da sua mão, e ela disse em silêncio:

Eu também te amo. Tanto, Rhys.

Obrigado, acrescentou, a simples palavra áspera com emoção.

Ela piscou e o canto da boca levantou em um sorriso questionador.

—Por quê?

—Por tudo — disse ele em voz baixa, puxando-a apertada contra a frente de seu corpo. —Por entrar em minha vida. Por me amar. Por mostrar-me o que é ser feliz. — Sua mão esquerda mudou entre eles, cobrindo o ventre, onde os seus filhos um dia cresceriam. —Pela família que vamos ter um dia. Por dar-me você, Alia.

Lágrimas caíram sobre seu rosto enquanto beijava o seu caminho em sua boca, e ele abraçou o derramamento familiar de fogo que cortava em suas veias. Ele não evitou o calor. Como ele poderia, quando Alia estava em sua luz brilhante? Quando eles se conheceram, ela tinha sido o céu, iluminando sua infinita escuridão solitária. Então ela se fez uma parte do seu mundo e trouxe o calor do sol para a sua existência fria. Ela trouxe o riso e o amor, bem como uma esperança doce e alegre para o futuro.

Ela havia trazido felicidade pura e excitante, e, em contrapartida, Rhys a amava mais do que qualquer homem já amou uma mulher.

Ele sempre iria amá-la.

Sempre.

